

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Pedro Landgraf Piccolo Fereda

***SOFT POWER SOB PEDAIS: O TOUR DE FRANCE COMO MECANISMO DE
PROJEÇÃO INTERNACIONAL DA REPÚBLICA FRANCESA.***

PORTO ALEGRE

2024

Pedro Landgraf Piccolo Fereda

***SOFT POWER SOB PEDAIS: O TOUR DE FRANCE COMO MECANISMO DE
PROJEÇÃO INTERNACIONAL DA REPÚBLICA FRANCESA.***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul para
obtenção do grau de Bacharel em Relações
Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado
Dantas

Porto Alegre

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO
Pedro Landgraf Piccolo Ferneda

***SOFT POWER SOB PEDAIS: O TOUR DE FRANCE COMO MECANISMO DE
PROJEÇÃO INTERNACIONAL DA REPÚBLICA FRANCESA.***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas - UFRGS
Orientador

Profa . Dra. Adriana Coelho Borges Kowarick - UFRGS
Examinadora

Profa . Dra. Helenice Carvalho - UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais por todo o suporte que recebi ao longo de minha jornada, por terem garantido a melhor educação que foi possível, por serem apoiadores incondicionais das diversas atividades que realizei, por terem me proporcionado experiências únicas na minha vida, e, por fim, por simplesmente serem os melhores pais que alguém poderia ter.

Para além deles, agradeço também a minha irmã, Júlia, por todas as trocas de conhecimento, conversas acolhedoras e puxões de orelha, eu não seria quem sou hoje se não fosse por ti.

Aos meus amigos e amigas que me apoiaram e incentivaram ao longo de minha jornada acadêmica e principalmente nessa etapa final. Fica aqui o agradecimento para os seguintes grupos: Unidos contra o surto, Policresto, La Nec, Cevinha e Beco do Gaters. Todos vocês impactaram de forma positiva nessa etapa, cada grupo à sua maneira.

Um agradecimento especial a minhas colegas de Fabico que também passaram pelo TCC nesse mesmo período, Andressa, Anna, Gi, Lari e Laura. A possibilidade de trocar experiências e se apoiar foi muito importante ao longo desse processo.

Meu mais sincero agradecimento a Belle, por todo o apoio e acolhimento não só durante essa etapa, mas também na vida. Obrigado por me incentivar e motivar quando eu duvidava da minha capacidade de finalizar esse trabalho, tu é parte muito importante desse processo e me considero sortudo de compartilhar a vida contigo.

Agradeço também ao meu professor orientador, Guibson, não só por aceitar me orientar ao longo dessa jornada mas também por todas as experiências vividas em sala de aula, a presença de professores mais humanos é essencial e o professor Guibson é exemplo a ser seguido.

Por fim, não só agradeço mas também homenageio minha querida *Oma*, professora emérita da UFRGS, parafraseando o que minha professora de história do ensino médio dizia: “tua avó ficaria orgulhosa de ti” e espero que onde quer que ela esteja, esse possa ser o sentimento dela com esse trabalho.

*“When I feel bad I attack, that way no one can find out how
bad i feel”¹*

Bernard Hinault²

¹ Quando eu me sinto mal eu ataco, dessa forma ninguém consegue descobrir quão mal eu estou.

² Ciclista francês, 5 vezes campeão do *Tour de France*.

RESUMO

A França é uma das maiores potências mundiais e exerce sua influência em todo o mundo por diversos meios, como a moda, a gastronomia, a arquitetura e o esporte. O *Tour de France*, evento esportivo que ocorre anualmente no país, é a maior competição de ciclismo do mundo e um dos eventos esportivos mais assistidos anualmente, com mais de 100 anos de história. Com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão da importância do *Tour de France* para a República Francesa, este trabalho foi elaborado, sob a ótica das Relações Públicas Internacionais, com o objetivo principal de apontar indícios de que o *Tour de France* apresenta características que o converte em instrumento de *soft power* da França. Para contemplar o objetivo, foi construído um percurso metodológico qualitativo que consistiu numa pesquisa bibliográfica e audiovisual com o propósito de estabelecer uma base teórica que permitisse interpretar a importância do Tour de France para o país em termos de veiculação de valores positivos pelo mundo. Para isso, foi utilizado, como norteador do trabalho, o conceito de *soft power*, ou poder suave, de Joseph Nye (2005), que pode ser entendido como a habilidade de um país para influenciar indiretamente o comportamento de outros países por meios culturais ou ideológicos. Concluiu-se que o *Tour de France* possui características importantes para a sua definição como instrumento de *soft power* para a França. Para além de um evento esportivo, ele é também um evento cultural e de entretenimento, tais qualidades permitem que ele tenha um impacto positivo na veiculação da imagem do país, constatado pelo aumento de pesquisas a respeito de localidades da França e pelo aumento do número de turistas durante as etapas.

Palavras-Chave: *Tour de France*; França; Ciclismo; Soft Power; Relações Públicas Internacionais.

ABSTRACT

France is one of the world's greatest powers and exerts its influence across the world through various means, such as fashion, gastronomy, architecture and sport. The Tour de France, a sporting event that takes place annually in the country, is the largest cycling competition in the world and one of the most watched sporting events annually, with more than 100 years of history. With the aim of contributing to a better understanding of the importance of the Tour de France for the French Republic, this work was prepared, from the perspective of International Public Relations, with the main objective of pointing out signs that the Tour de France presents characteristics that becomes an instrument of soft power in France. To achieve the objective, a qualitative methodological path was constructed that consisted of bibliographical and audiovisual research with the purpose of establishing a theoretical basis that would allow interpreting the importance of the Tour de France for the country in terms of conveying positive values around the world. For this purpose, the concept of soft power, by Joseph Nye (2005), was used as a guide for the work, which can be understood as the ability of a country to indirectly influence the behavior of other countries through cultural or ideological means. . It was concluded that the Tour de France has important characteristics for its definition as an instrument of soft power for France. In addition to being a sporting event, it is also a cultural and entertainment event, qualities that allow it to have a positive impact on conveying the country's image, as evidenced by the increase in research on locations in France and the increase in the number of tourists during the steps.

Keywords: Tour de France; France; Cycling; Soft Power; International Public Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Definição de Relações Públicas Internacionais	17
Figura 2 - Configuração do Sistema Internacional	18
Figura 3 - Esferas de atuação das Relações Públicas Internacionais	20
Figura 4 - Poder brando: modelos causais diretos e indiretos	24
Figura 5 - Conversão de recursos de poder brando em comportamento (resultados)	25
Figura 6 - Que esportes os estadunidenses seguem?	28
Figura 7 - Que esportes americanos outros países acompanham?	29
Figura 8 - Rei Luís XVI	32
Figura 9 - Terceiro Estado carregando o Primeiro e Segundo Estado nas costas	33
Figura 10 - Sessão da Assembleia dos Estados Gerais	34
Figura 11 - A Queda da Bastilha	35
Figura 12 - Execução de Maria Antonieta	37
Figura 13 - Napoleão Bonaparte	38
Figura 14 - Código Civil Napoleônico	39
Figura 15 - A Coroação de Napoleão	40
Figura 16 - Bloqueio Continental	41
Figura 17 - O momento mais próspero do Império Napoleônico	42
Figura 18 - A Retirada de Napoleão de Moscou	43
Figura 19 - Rei Luís XVIII	44
Figura 20 - Batalha de Waterloo	45
Figura 21 - Partilha da África	46
Figura 22 - Mapa da África após Conferência de Berlim	47
Figura 23 - Comparação da colonização da África entre os anos de 1880 e 1913 (França em azul)	48
Figura 24 - Estrutura vertical colonial	49
Figura 25 - Evolução do domínio francês na Argélia	52
Figura 26 - Foto de Messali Hadj	54
Figura 27 - Frente de Libertação Nacional da Argélia	55

Figura 28 - Documento “La question”	58
Figura 29 - Mapa da edição de 2024 do Tour de France	62
Figura 30 - Tour de France 2023 - Etapa 10 - Vulcania / Issoire	63
Figura 31 - Histórico de Edições	66
Figura 32 - Números da cobertura midiática do Tour de France	72
Figura 33 - Fãs durante a escalada	73
Figura 34 - Dieter ‘Didi’ Senft	74
Figura 35 - Espectadora causa grande acidente	75
Figura 36 - Tour de France: No Coração do Pelotão	78
Figura 37 - Países que recebem o L’Étape	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipo de Poderes segundo Nye	23
Quadro 2 - Histórico de Edições	65
Quadro 3 - Campeões divididos por país e ano	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais origens dos jogadores expatriados (2023)	27
Tabela 2 - Eventos esportivos que mais atraem público	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interesse ao longo do tempo relacionado a Vulcania	73
Gráfico 2 - Interesse ao longo do tempo no Brasil	74
Gráfico 3 - Interesse ao longo do tempo na Colômbia	74
Gráfico 4 - Interesse ao longo do tempo nos Estados Unidos	74

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. AS MODALIDADES ESPORTIVAS COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER	17
2.1. A concepção de Relações Públicas Internacionais	17
2.2 Soft Power e o campo esportivo	19
2.3 Exemplos de modalidades esportivas como instrumento de soft power	25
3. A CONTROVERSA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA FRANÇA	32
3.1. O país da "Liberdade, Igualdade, Fraternidade"	32
3.2. A era napoleônica: a Europa de joelhos	38
3.3. O colonialismo francês na África subsariana	45
3.4. A repercussão da Guerra da Argélia	51
4. O TOUR DE FRANCE	60
4.1 Concepção do evento	60
4.1.1 Histórico de edições	64
4.1.2 Vencedores	65
4.1.3 Audiência	71
4.2 Análise	74
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84

1. INTRODUÇÃO

A França é, sem dúvidas, um dos países com grande relevância mundial. O país foi palco de eventos notáveis, como a ascensão e queda da Monarquia Absolutista mais importante da Europa e a Revolução Francesa, além de personagens que inspiram romancistas e historiadores, como Luís XIV, Napoleão Bonaparte e Charles de Gaulle.

Entretanto, o país logrou, ao longo dos tempos, inimizades com muitas nações por conta do seu ímpeto por conquistas e, sobretudo, por suas incursões no continente africano, território que durante séculos empreendeu um amplo domínio militar, político e cultural sobre as suas colônias ultramarinas, protetorados e territórios mandatários que ficaram sob seu domínio a partir do século XVI.

Um dos eventos mais traumáticos de sua história recente, que contribuiu decisivamente para o enfraquecimento de sua reputação no sistema internacional, foi a Guerra de Independência da Argélia, também conhecida como Revolução Argelina ou Guerra da Argélia, que foi um movimento de libertação nacional do país magrebino do domínio francês, entre os anos de 1954 e 1962, devido à violência desproporcional utilizada pelo exército francês para conter as investidas dos insurgentes.

Para melhorar a sua imagem internacional, a França – como tantos outros países ocidentais – implementou uma série de iniciativas no campo social e cultural no estrangeiro, sobretudo após o advento das novas tecnologias de comunicação que permitiram transmissões em tempo real e difusão de produtos culturais em larga escala pelos cinco continentes. Além disso, o país aproveitou o êxito comercial de alguns eventos oriundos da iniciativa privada para fortalecer sua posição como o país da “liberdade, igualdade e fraternidade”.

Um desses eventos é o *Tour de France*, a principal competição mundial de ciclismo, que acontece todos os anos em território francês e países limítrofes, que atrai um expressivo número de turistas e milhões de telespectadores.

Com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão da importância do *Tour de France* para a República Francesa atualmente sob a ótica das Relações Públicas Internacionais, este trabalho foi elaborado com o objetivo principal de apontar indícios de que o *Tour de France* apresenta características que o converte em instrumento de *soft power* da França no âmbito do esporte.

Para contemplar o objetivo, foi construído um percurso metodológico qualitativo que consistiu numa pesquisa bibliográfica e audiovisual com o propósito de estabelecer uma base teórica que permitisse interpretar a importância do Tour de France para o país em termos de veiculação de valores positivos pelo mundo. Para isso, foi utilizado, como norteador do trabalho, o conceito de *soft power* ou, poder suave, de Joseph Nye (2005), que pode ser entendido como a habilidade de um país para influenciar indiretamente o comportamento de outros países por meios culturais ou ideológicos.

A escolha do tema deu-se a partir de motivações pessoais do autor, que passou a ter um grande interesse pelo ciclismo, sobretudo, durante a pandemia de COVID-19. Foi nesse período que o autor adentrou no mundo do ciclismo, consumindo conteúdos disponíveis na internet relacionados à modalidade e voltados para o *Tour de France*. Por fim, outro fator importante para a escolha do tema foi a afinidade da mãe do autor com o campeonato – evento que ela costuma assistir motivada pelas belas paisagens francesas nas quais os ciclistas percorrem ao longo da competição.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro trata-se desta introdução. O segundo capítulo apresenta o aporte teórico que vai orientar a análise do objeto. Neste capítulo, o foco central é a apresentação da área das Relações Públicas Internacionais a partir de Dantas (2023), Vagner (2005) e Ferrari (2008) e sua interlocução com o conceito de *soft power* estabelecido por Nye (2005). A partir dessa relação, foram apresentados exemplos de modalidades esportivas que atuam como *soft power* para seus países.

No terceiro capítulo é feito um resgate histórico da França, desde a eclosão da Revolução Francesa até a repercussão internacional sobre a Guerra da Argélia. Para isso, foram utilizados, principalmente, os textos de Costa e Mello (2008), Hobsbawm (1977), Lefebvre (1966), Uzoigwe (2010), Mabeko-Tali (2013) e Yazbek (1986; 2010).

No quarto capítulo, o *Tour de France* é apresentado, caracterizado e posteriormente analisado como um evento esportivo que veicula valores positivos sobre a França em todo o mundo. Finalmente, no quinto e último capítulo são apresentadas as considerações finais.

2. AS MODALIDADES ESPORTIVAS COMO INSTRUMENTO DE *SOFT POWER*

Neste capítulo, discute-se a concepção de Relações Públicas Internacionais para, em seguida, apresentar o conceito de *soft power* e sua aplicação no campo esportivo. Finalmente, com o intuito de clarificar a sua utilização por parte de países, serão descritos alguns exemplos de modalidades esportivas como instrumento de *soft power*.

2.1. A concepção de Relações Públicas Internacionais

O debate acerca das Relações Públicas Internacionais não é recente na esfera das Relações Públicas, sendo considerada uma subárea estudada desde 1984 com Grunig e Hunt (1984), acompanhando não só o aprofundamento do processo de globalização, mas também a evolução da atividade e os possíveis campos de atuação.

De acordo com Dantas (2023, p. 2-3), Relações Públicas Internacionais pode ser conceituada como (Figura 1):

Um conjunto de atividades e/ou estratégias de comunicação empreendidas com o intuito de harmonizar os interesses privados e públicos de um ator dentro do sistema internacional. Com isso, busca-se melhorar a sua imagem perante a opinião pública internacional e demais atores. (Dantas, 2023)

Figura 1 - Definição de Relações Públicas Internacionais



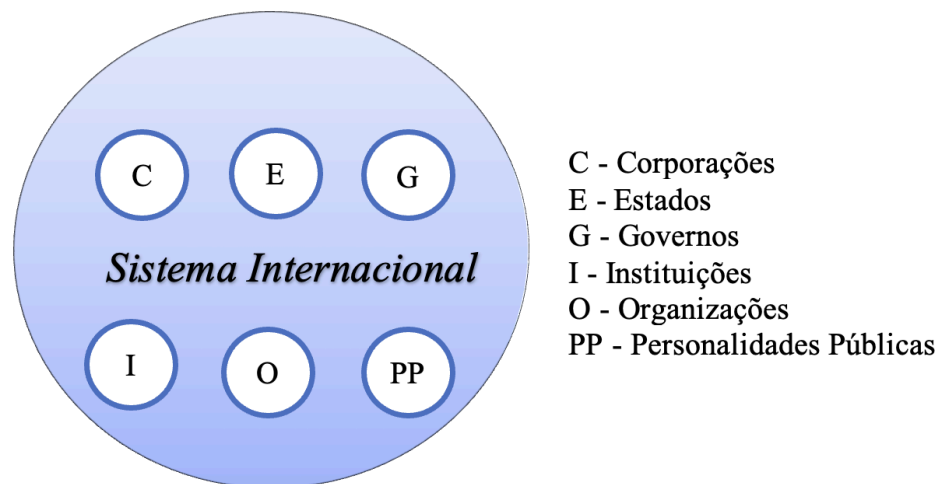
Fonte: Dantas (2023)

O sistema internacional, por sua vez, é o ambiente próprio das relações internacionais, isto é, um sistema em que circulam vários atores, com características e interesses específicos,

que se interrelacionam, formam blocos de ajuda mútua, concretizam alianças e engendram celeumas que tornam esse ambiente um lugar de interesse para várias áreas do saber.

Ao estabelecer o sistema internacional (Figura 2) como elemento norteador das Relações Públicas Internacionais, Dantas (2023) expande a abrangência da subárea de estudo pelo fato de que vários atores estão inseridos neste sistema: corporações, Estados, governos, instituições, organizações ou personalidades públicas. Essa gama de atores faz com que as possibilidades de estudo se ampliem, permitindo que as Relações Públicas possam se desenvolver no campo internacional.

Figura 2 - Configuração do Sistema Internacional



Fonte: Dantas (2023)

De acordo com o autor, situar as Relações Públicas Internacionais como uma subárea do conhecimento centrada na interlocução entre as Relações Públicas e as Relações Internacionais representa um avanço nas perspectivas que são possíveis para as Relações Públicas em um mundo globalizado que está em constante transição. Essa perspectiva vai de encontro com o que Vagner (2005) defende a respeito da atividade de Relações Públicas, isto é, que ela não pode ser pensada apenas de forma local, mas sim, no âmbito global.

Essa perspectiva internacional não só expande as possibilidades de atuação, mas também possibilita que a atividade acompanhe os desdobramentos da globalização em todo o mundo. De acordo com Vagner (2005, p. 7)

Como se pode ver o cenário em que os profissionais de Relações Públicas atuam, se expande e necessita de entendimento. Desta forma, é preciso partir para a percepção desta “nova” área de atuação, em que os conhecimentos para a atuação são ampliados. Essa esfera globalizada apresenta o profissional de Relações Públicas Internacionais em função das relações através das fronteiras que aumentam com o advento das Tecnologias da Informação, principalmente.

Como complemento à visão de Vagner (2005) a respeito da expansão do cenário das Relações Públicas, Ferrari (2008, p. 22) discorre que:

Também a comunicação, como processo de criação de sentidos, é afetada pelo fenômeno da globalização e pelo entendimento que se deve ter das culturas, crenças, hábitos e costumes locais. Neste sentido, as relações públicas surgem como a atividade que analisa os cenários internacionais e locais e os contextos político, econômico, social e cultural para então definir estratégias de comunicação específicas para cada país ou região onde quer que esteja uma organização.

Ademais, a autora proclama a existência de uma relação de troca entre as influências globais e as consequências locais, onde os desafios que surgem são resultado da forma como as especificidades dos diversos sistemas existentes, como o sistema político, econômico, social e cultural de regiões e nações acabam impactando as pessoas e organizações, sobretudo numa época em que a informação é repassada para a população em tempo real.

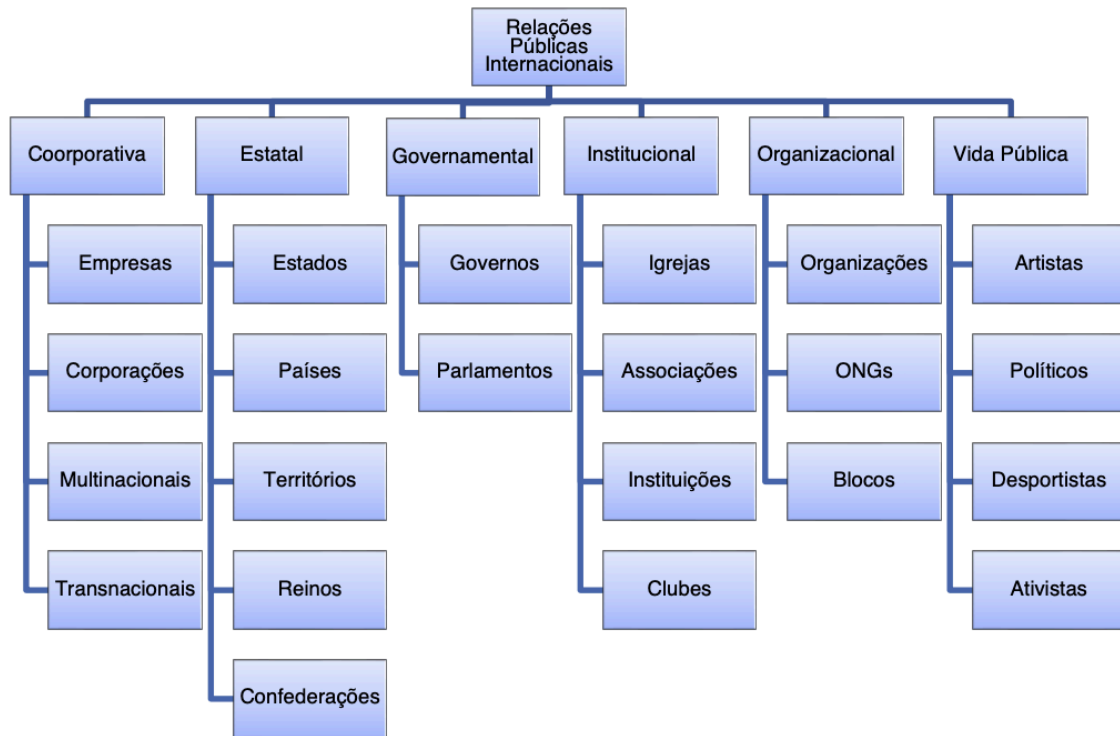
Com o avanço da tecnologia e a rapidez das informações fica mais fácil compreender por que o ‘mundo se tornou pequeno’ e, por consequência, os relacionamentos entre pessoas de diferentes partes do planeta passam a ser uma prática cotidiana na qual se realizam trocas simbólicas, se assimilam costumes, hábitos e comportamentos de outras culturas (Ferrari, 2008, p. 27-28).

Como forma de exemplificar o que foi apresentado por Ferrari (2008), podemos apresentar o impacto que eventos globais ocasionam na vida das pessoas, sejam eventos esportivos como as Olimpíadas e Copa do Mundo, ou, eventos culturais como festivais de cinema internacionais e concertos musicais de grupos estrangeiros. A partir destas experiências, é possível observar como gerações são moldadas e impactadas de forma global.

2.2 *Soft Power* e o campo esportivo

Dentre as esferas de atuação das Relações Públicas Internacionais (Figura 3) estipuladas por Dantas (2023), a esfera estatal – composta por estados, países, territórios, reinos e confederações – se destaca por ser o *locus* onde o *soft power* é empreendido pelos países para obter projeção internacional e, conseqüentemente, consolidar sua política externa perante os demais atores internacionais.

Figura 3 - Esferas de atuação das Relações Públicas Internacionais



Fonte: Dantas (2023)

Primeiramente, é necessário conceituar as diversas formas de poder que são utilizadas pelos Estados no intuito de fortalecer sua posição no sistema internacional. Nye (2008) classifica o poder em três tipos: *hard power*, *soft power* e *smart power*. Um Estado pode exercer mais de um destes tipos de poder, pois eles coexistem e não se excluem.

O *hard power*, ou poder duro, é a capacidade de um Estado influenciar ou exercer domínio sobre outro por meio do emprego de recursos militares e econômicos. Dessa forma, podemos entender o *hard power* como um poder de coerção, onde o mais forte subjuga o mais fraco, seja por sanções econômicas – como os Estados Unidos faz com Cuba – ou também pela guerra, como no conflito de Israel e Palestina, onde o poderio militar de Israel é desproporcional à capacidade de defesa do povo palestino. Ballerini (2017) expõe a violência, dominação pelas armas e pelo dinheiro como o poder mais recorrente de todos os povos, ao mesmo tempo em que define o “poder duro como a mais primitiva e ineficaz das forças humanas” (Ballerini, 2017, p. 15).

Um evento histórico que exemplifica a ineficiência do *hard power* foi a Guerra Fria³, pois mesmo a União Soviética possuindo um grande arsenal de armas – que traduz-se no conceito de *hard power* – o que garantiu a vitória dos Estados Unidos da América não foi poder o militar, mas sim, o poder brando, conhecido como *soft power*. Nesse contexto, por meio de Hollywood, esse poder ganhou destaque ao revelar um ideal de modo de vida estadunidense que se espalhou pelo vasto território de influência soviética e que, de forma indireta, viabilizou a fragmentação da União Soviética. Assim, de acordo com Ballerini (2017), a possibilidade de conhecer um estilo totalmente diferente de vida, muito mais atraente e sedutor, garantiu o triunfo geopolítico dos estadunidenses.

Já o *smart power*, ou poder inteligente, pode ser definido como a capacidade de utilizar tanto o poder duro quanto o poder brando para um único objetivo: maximizar os resultados que podem ser obtidos pelo Estado. Esse conceito surge a partir do governo Obama (2009-2017) e é interpretado por Nye (2012, p. 267) da seguinte forma:

Os estados dominantes também têm incentivos para combinar recursos de poder duro e brando. Os impérios são mais fáceis de governar quando se baseiam no poder brando da atração aliado ao poder duro da coerção. Roma permitiu que as elites conquistadas aspirassem à cidadania romana, e a França colocou líderes africanos como Leopold Senghor na vida política e cultural francesa.

O *soft power* é definido por Nye (2005, p. 10) como:

A habilidade de conseguir o que se quer através da atração ao invés da coerção ou pagamentos. Ele surge a partir da atratividade da cultura, dos ideais políticos e políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas na visão dos outros, nosso *soft power* é aprimorado.

Em outras palavras, o *soft power* “compreende a capacidade de um Estado em exercer influência e poder sobre o comportamento dos demais atores internacionais” (Dantas, 2023, p.2). Desde que citou o conceito pela primeira vez na obra "*Bound to Lead: the changing nature of American Power*" (Nye, 1991), o autor estadunidense defende a ideia de que a sedução sempre será mais efetiva que a coerção e muitos valores como a democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são mais sedutoras que, por exemplo, a utilização de armas ou embargos econômicos:

³ A Guerra Fria foi um conflito entre Estados Unidos e União Soviética que ocorreu do final da Segunda Guerra Mundial até a dissolução da União Soviética no início dos anos 1990 (McMahon, 2023).

Quando um governo está preocupado com objetivos ambientais estruturais ou com objetivos de valor geral, como a promoção da democracia, de direitos humanos e de liberdade, em geral o poder brando se mostra superior ao poder duro (Nye, 2012, p. 118).

Nesse sentido, nota-se a força e relevância que o *soft power* possui para os países, sendo uma grande ferramenta para ganhos internacionais. Dessa forma, como complemento, Ballerini (2017, p. 26) irá dizer que “a forma mais eficiente de poder do mundo também é a mais suscetível a mudanças sociais, políticas, econômicas e militares, o que não destitui sua grande influência internacional”.

Um ponto importante a ser observado é que o *soft power* não pertence ao governo no mesmo grau que o *hard power* (Nye, 2005). Essa falta de controle total do governo sob o poder brando é, de acordo com Ballerini (2017, p. 22), “por ser em grande parte produzido fora do âmbito estatal, o poder suave não pode – nem deve – ser controlado pelo Estado, sob o risco de perder sua eficiência”. Ainda em relação a atuação dos governos, embora o controle não parta diretamente do Estado, Nye (2005, p. 12) afirma que:

Políticas governamentais internas e externas são outra fonte potencial de *soft power*. Por exemplo, nos anos de 1950 a segregação racial nos Estados Unidos minou o *soft power* americano na África, e hoje, a prática de penas de morte e uma fraca lei de controle de armas mina o *soft power* americano na Europa.

Portanto, como dito, o governo, mesmo não sendo o principal gerador de poder brando, tem a capacidade de impactar no resultado final, pois “as políticas domésticas ou externas que aparentam ser hipócritas, arrogantes, indiferentes à opinião dos outros ou baseadas em uma abordagem estreita dos interesses nacionais podem minar o *soft power*” (Nye, 2005, p. 14) . Isso significa que o êxito do *soft power* de um país depende diretamente de sua política interna, isto é, de como os atores internacionais enxergam as políticas empreendidas por um país dentro de suas fronteiras em comparação a como ele se projeta em termos globais. Este seja, talvez, o caso da República Popular da China, que ao longo dos anos coleciona denúncias de desrespeito aos direitos humanos dentro de suas fronteiras.

Como pode-se perceber, o fato do *soft power* não estar totalmente sob o controle dos governos – que, por sua vez, controlam a política, enquanto a cultura e os valores incorporam-se nas sociedades civis –, o faz "parecer menos arriscado que o poder econômico ou militar, mas em geral é mais difícil de usar, fácil de perder e difícil de restabelecer" (Nye, 2012, p. 118).

Para além da definição do poder brando, é importante ressaltar que, embora diferente na forma de exercer sua influência, o *soft power* e o *hard power* estão relacionados com a habilidade de se atingir um propósito afetando o comportamento de outros. Eles se distinguem tanto na natureza do comportamento quanto na tangibilidade dos recursos. O espectro do comportamento do *hard power* está direcionado para o comando, a coerção e a persuasão, enquanto o *soft power* está voltado para o planejamento de uma agenda, atração e cooptação. Já na esfera de recursos, o poder bruto faz uso da força, dos pagamentos, sanções e suborno, enquanto o poder brando utiliza das instituições, valores, culturas e políticas como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 1 - Tipo de Poderes segundo Nye

	Hard	Soft
Spectrum of Behaviors	Command ← coercion ← inducement	agenda setting ← attraction → Co-opt
Most Likely Resources	force sanctions payments bribes	institutions values culture policies

Power

Fonte: Nye (2005)

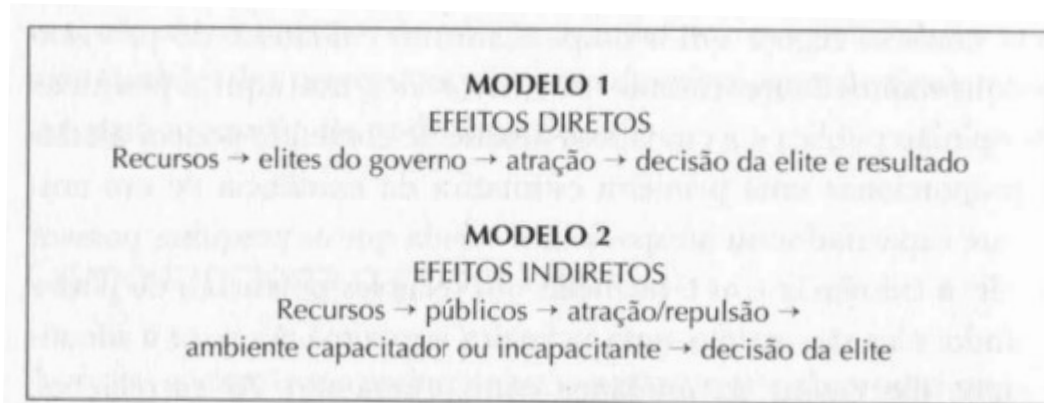
Como demonstra o quadro sugerido por Nye (2005), o *soft power* de um país se baseia primariamente em três recursos: sua cultura (sendo atrativa para outros); seus valores políticos (faz jus em seu país e no exterior); e nas políticas exteriores (vistas como legítimas e com autoridade moral). A partir desses recursos, Nye (2012) afirma que o *soft power* afeta seus alvos de duas formas: direta e indireta (Figura 4).

Na forma direta, os líderes podem ser atraídos e persuadidos pela benignidade, competência ou carisma de outros líderes - [...] ou um relato do efeito persuasivo dos argumentos do presidente Obama conduzindo a um aumento nas doações em uma reunião do G-20. As relações e redes da elite com frequência desempenham um papel importante (Nye, 2012, p. 130).

Já a forma indireta, e mais comum, é:

Um modelo de dois passos em que o público e terceiros são influenciados, e por sua vez afetam os líderes de outros países. Nesse caso, o poder brando tem um importante efeito indireto, criando um ambiente capacitador para as decisões. Por outro lado, se um ator ou ação for percebido como repulsivo, ele cria um ambiente incapacitante (Nye, 2012, p. 130-131).

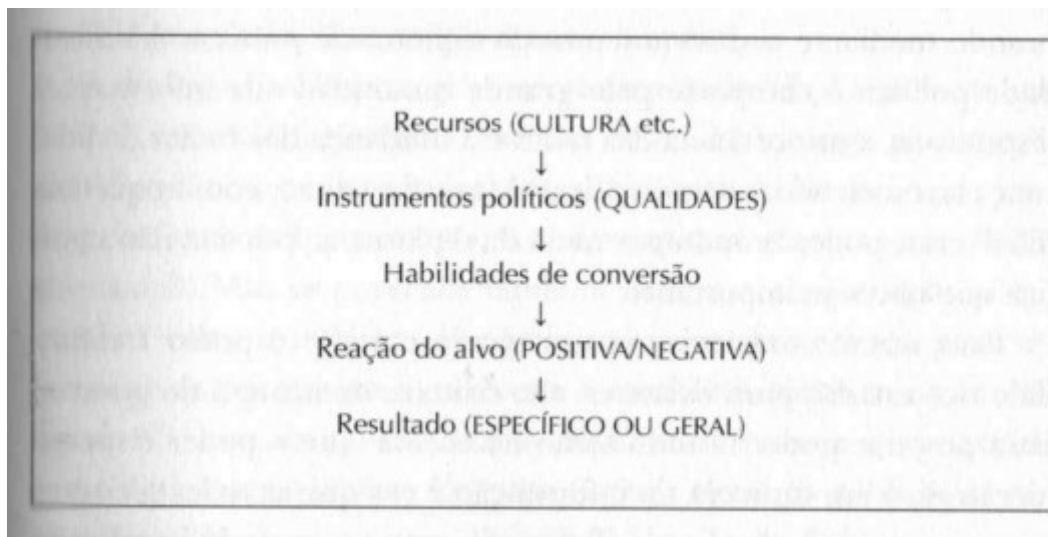
Figura 4 - Poder brando: modelos causais diretos e indiretos



Fonte: Nye (2012)

Para além disso, Nye (2012, p. 137) irá dizer que “há uma ampla variedade de recursos básicos que pode ser convertida em poder brando por estratégias de conversão hábeis”, a figura 5 exemplifica o que é dito pelo autor. Alguns desses recursos são: cultura, valores e políticas legítimas - já citados anteriormente. Além disso, o autor irá dizer que, às vezes, esses recursos são especialmente desenvolvidos para propósitos de poder brando. Esses recursos, de acordo com Nye (2012, p. 137), “proporcionam ampla variedade de instrumentos políticos, mas produzirão reações positivas ou negativas nos alvos (e, portanto, resultados preferidos) vai depender do contexto, do alvo e das qualidades das estratégias de conversão de poder.”

Figura 5 - Conversão de recursos de poder brando em comportamento (resultados)



Fonte: Nye (2012)

A conversão de recursos e instrumentos de poder brando em resultados positivos para a projeção internacional de um país requer, segundo Nye (2012, p. 137-138), "a habilidade crítica para criar nas percepções do alvo qualidades como benignidade, competência e carisma". Um dos instrumentos utilizados pelos países para fortalecer seu *soft power* é o esporte, que por se caracterizar por "uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas" (Barbanti, 2012, p. 55) costuma atrair a atenção de um público diverso.

2.3 Exemplos de modalidades esportivas como instrumento de *soft power*

A partir do século XX, o esporte passou a ser visto pelos governos como uma atividade lúdica estratégica para a projeção internacional de seus países. Eventos como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas são grandes vitrines para os países que participam e/ou sediam o evento. Para além disso, é importante reforçar que o esporte por si só é um instrumento utilizado para fortalecer o *soft power* conforme já exposto no subcapítulo anterior. Como forma de exemplificar como o poder suave atua por meio do esporte, podemos citar três modalidades em países específicos, são elas: futebol no Brasil e basquete e futebol americano (*football*) nos Estados Unidos.

Como primeiro exemplo, o Brasil, embora não seja o país fundador do futebol⁴, é a referência mundial ao falar sobre o esporte, seja pela exportação de talentos, pela forma que o esporte é vivido no país ou também pelas cinco Copas do Mundo já conquistadas⁵. A expressão “futebol arte” nasceu no Brasil e é reconhecida em todo o mundo como a forma de jogar da seleção brasileira. De acordo com Marcondes e Marques (2015, p. 2):

“a gênese deste processo sobre o “futebol arte” tem origem no sociólogo, antropólogo e escritor Gilberto Freyre, que inauguraria a visão idílica do futebol-arte brasileiro em texto publicado no Diário de Pernambuco em 17 de Junho de 1938. Intitulado de “Foot-ball Mulato”.

Com a publicação do referido texto, Freyre acabou definindo a forma de jogar da seleção brasileira como algo único e singular, se diferenciando de outras seleções onde o jogo seria considerado mais tático e engessado. O brasileiro, ao contrário, prezaria a liberdade criativa e a utilização de *dribles* e jogadas de efeito (Marcondes; Marques, 2015).

Essa forma de jogar incorpora diversas características do povo brasileiro, como o samba, a ginga e o jogo de cintura, que acabam representando a nação em sua essência e, negá-la, seria também negar a nossa brasilidade (Mostaro; Helal; Amaro, 2015). Essa conceituação estabelece relação com a opinião de Gastaldo (2012, p. 85):

Acredito que o futebol é hoje, na cultura brasileira, um dos principais elementos de construção de uma memória social e afetiva relacionada ao sentimento de nação, e à construção discursiva da "identidade nacional", tema que parece se confirmar a cada participação brasileira na Copa do Mundo de futebol.

Esse modo peculiar de jogar futebol passou a ser visto no exterior como uma expressão da própria brasilidade, em que o jogador reflete, dentro de campo, aspectos culturais do povo brasileiro – criatividade, descontração, miscigenação racial etc. – que são apreciados por outros povos. O êxito nos gramados e os traços culturais acabam transformando o futebol brasileiro numa ferramenta de *soft power*; uma vez que bem visto sob a perspectiva de outras culturas.

Outro ponto importante para a influência mundial do futebol brasileiro é a exportação de jogadores, que acabam levando o “futebol arte” para fora do Brasil. Isso é uma

⁴ O futebol como é praticado hoje foi fundado na Inglaterra pela *Football Association* em 1863, embora formatos diferentes tenham sido criados anteriormente, como o *Cuju* jogado na China durante a dinastia Han de 206 aC a 220 dC e também o *Episkyros* fundado na Grécia Antiga (Kelly, 2021).

⁵ A seleção brasileira masculina foi campeã da Copa do Mundo nos anos de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 (Leite, 2010).

característica recorrente e marcante do futebol brasileiro. De acordo com um levantamento feito pelo Observatório de Futebol do Centro Internacional de Estudos de Esporte (CIES) (Poli; Ravenel; Beson, 2023), o Brasil é o país com mais jogadores expatriados, ou seja, jogadores que não jogam mais em sua liga original. O número total de jogadores atuando fora do país é de 1,289 e estão concentrados principalmente em Portugal e em ligas fora da Europa.

Tabela 1 - Principais origens dos jogadores expatriados (2023)

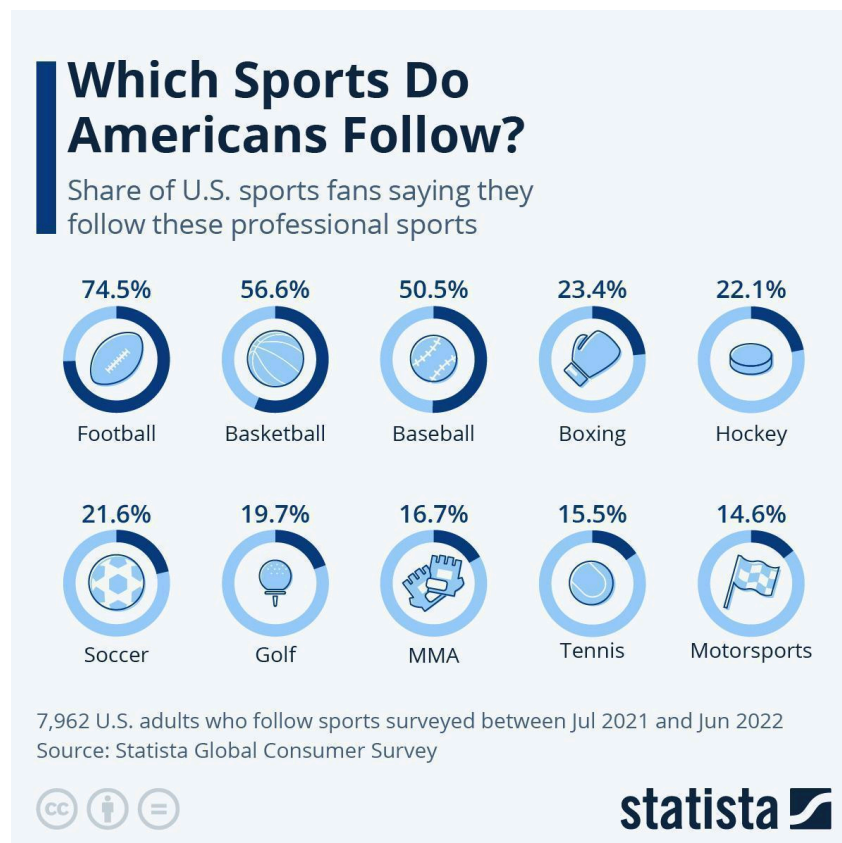
	Expatriates	Since 2022
 Brazil	1'289 	+5.6% ▲
 France	1'033 	+5.6% ▲
 Argentina	905 	+10.8% ▲
 England	535 	+1.7% ▲
 Spain	458 	+13.1% ▲
 Colombia	448 	+5.2% ▲
 Germany	446 	+1.4% ▲
 Croatia	407 	+1.5% ▲
 Nigeria	385 	+13.6% ▲
 Serbia	380 	0.0% =

Fonte: Poli; Ravenel; Beson (2023)

Portanto, fatores como o maior número de jogadores expatriados em atividade, ser a seleção mais vitoriosa em copas do mundo, ter tradição de exportar grandes talentos para as principais ligas do mundo e também ser o país conhecido pelo “futebol arte” influenciam diretamente na forma que o país é visto no exterior. Essas características corroboram a ideia de Marcondes e Marques (2015, p. 6). Segundo eles, “essa identificação causada pelo formato singular do esporte praticado no país tem sido muito visada pelas empresas como um apelo publicitário eficaz na divulgação de suas marcas e produtos.”. Dessa forma, podemos dizer que o futebol é visto não só como um esporte representativo do país, mas também como um produto a ser ainda mais explorado.

O segundo exemplo a ser apresentado é o basquete nos Estados Unidos, representado pela NBA⁶. O referido esporte é o segundo mais assistido no país de acordo com pesquisa realizada pela Statista (Figura 6) no ano de 2022 envolvendo 7,962 adultos (Richter, 2022). Aproximadamente 56.6% dos entrevistados responderam que acompanham o esporte, ficando atrás apenas do futebol americano.

Figura 6 - Que esportes os estadunidenses seguem?



Fonte: Richter (2022)

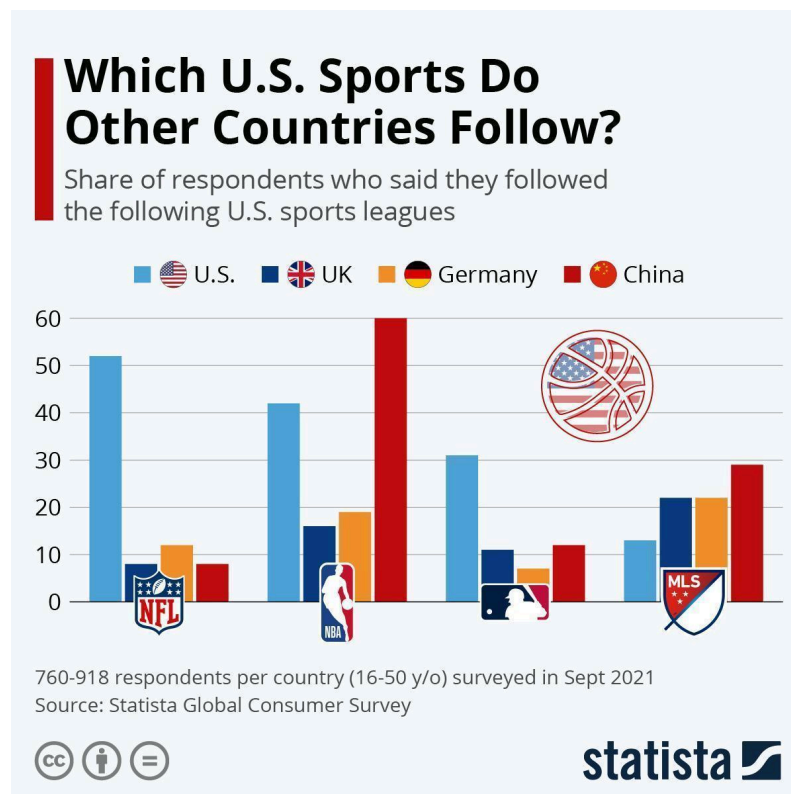
Além de ser o segundo esporte mais assistido no mundo, a liga de basquete dos Estados Unidos é também a liga que concentra os melhores jogadores da modalidade. Na temporada de 2022/2023 a liga teve um total de cento e vinte jogadores estrangeiros, representando um total de quarenta países. Por sinal, a citada temporada é a nona na qual o número de jogadores internacionais é superior a cem (GE GLOBO, 2022). Além disso, o prêmio de MVP das últimas cinco temporadas foi conquistado por jogadores estrangeiros como Nikola Jokic (Sérvia) e Giannis Antetokounmpo (Grécia). Esses dados mostram que a

⁶ A NBA ou *National Basketball Association* é a liga nacional de basquete dos Estados Unidos e é composta por 30 times, chamados de “franquias”. O campeonato é dividido em duas conferências: a Leste e a Oeste, a grande final da NBA ocorre entre os campeões de cada conferência (Zarum, 2020)

NBA tem se tornado um espaço mais global, e a relevância de jogadores estrangeiros auxilia neste crescimento.

Embora o basquete não seja o esporte estadunidense mais assistido no país, outra pesquisa feita pela Statista no ano de 2021 (Figura 7) indica que a NBA é a liga americana mais assistida no Reino Unido, Alemanha e China. Esse mesmo gráfico indica que há mais chineses acompanhando a NBA do que estadunidenses.

Figura 7 - Que esportes americanos outros países acompanham?



Fonte: Buccholz (2021)

Os dados expostos nos mostram um crescimento da audiência em países diversos como Brasil, Austrália e Filipinas, o que indica que os esforços da liga para crescer fora dos Estados Unidos têm dado resultado (CARROLL, 2022). A audiência no Brasil, por exemplo, cresceu 16% em relação à temporada de 2020, posicionando-o em quarto lugar no *ranking* geral de audiência. Esse crescimento de visualizações acompanha também um aumento na compra de produtos relacionados aos times, ou seja, o esporte estadunidense se consolida ao

redor do mundo e fideliza fãs. No Brasil, uma estratégia utilizada para ganhar seguidores jovens é a transmissão dos jogos pelo *streamer* brasileiro “Gaulês”⁷, que possui os direitos de transmissão para a *twitch.tv*.

Observa-se, portanto, que o basquete estadunidense funciona como *soft power* ao internacionalizar sua marca por meio de diversas estratégias, pela facilidade de transmissão para fora do país, pelo aumento no número de lojas e também por uma maior presença de atletas internacionais que dão uma maior visibilidade internacional à liga.

Um outro exemplo de modalidade esportiva que se converteu em instrumento de *soft power* é o futebol americano, representado pela NFL⁸. Como foi visto anteriormente na pesquisa feita pela Statista (2022), o referido esporte é o mais assistido no território estadunidense e em segundo lugar no número de visualizações em países como Reino Unido, Alemanha e China. Apesar da modalidade possuir muito mais força dentro do território estadunidense, ela também apresenta relevância em termos globais.

Embora o esporte não seja amplamente praticado no Brasil, de acordo com a pesquisa Sponsorlink realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) Repucom em 2022 (Sponsorlink, 2022), mais de 32 milhões de brasileiros acompanham o esporte, sendo que 29% desse universo é de adeptos com 18 anos ou mais. Ainda de acordo com a Sponsorlink, o número de brasileiros interessados na modalidade em 2016 era de 15,2 milhões. Portanto, em seis anos houve um aumento de aproximadamente 117%.

Assim como no basquete, há um movimento por parte da NFL para expandir o conhecimento da modalidade no Brasil. Além do crescimento nas visualizações, também há uma maior procura pelo chamado NFL *Game Pass*, um aplicativo que permite que os assinantes assistam aos jogos da liga. De acordo com reportagem feita pela CNN em 2022, o número de assinantes em cinco anos aumentou de 5 mil para 100 mil na temporada de 2022 (Tortella, 2022). Esse crescimento também acompanha a estratégia da liga nas redes sociais e a abertura da primeira loja oficial da NFL no Brasil em 2021.

⁷ Gaulês é um streamer brasileiro que possui 4 milhões de seguidores na twitchtv, plataforma de livestreaming voltada principalmente para videogames. Ele conquistou a audiência transmitindo campeonatos do jogo counter-strike e conseguiu ampliar sua atuação a partir de parcerias como a realizada com a NBA.

⁸ A NFL ou *National Football League* é a Liga Nacional de Futebol Americano dos Estados Unidos, possui 32 times e assim como no basquete, é dividida em duas conferências.

Há de se notar também que uma das grandes atrações da NFL é o chamado *Super Bowl*, que se refere a final do campeonato de futebol americano. Além de ser um evento importante por consagrar o campeão da temporada, o *show* do intervalo reúne artistas de grande renome, que comumente fortalece uma imagem positiva dos Estados Unidos. Nos últimos quatro anos, por exemplo, artistas como Shakira, Jennifer Lopez, The Weeknd, Dr. Dre, Snoop Dog, Eminem, Kendrick Lamar e Rihanna fizeram apresentações dentro do evento. O último espetáculo, por sinal, foi realizado pela cantora Rihanna e obteve uma média de público superior até mesmo da média de público do jogo. De acordo com o jornal Marca (2023), o *show* do intervalo em 2023 teve uma média de 118,7 milhões de espectadores, enquanto a partida teve uma média de 113 milhões.

Esse resultado indica que, embora o evento principal seja a partida, o **show** do intervalo chama a atenção e possibilita que um público que não tem interesse no esporte se conecte para acompanhar o espetáculo, aumentando assim a imagem e divulgação do evento. Além disso, de acordo com pesquisa realizada pela Deezer⁹ (2023), há um aumento de 35% no número de visualizações das músicas dos artistas no dia do evento em comparação à semana anterior. Ademais, também há um efeito posterior, onde se nota um aumento de aproximadamente 42% no número de *views* na semana após o evento.

É notável que o futebol americano e o basquete estadunidense, representados respectivamente pelas ligas da NBA e NFL, são modalidades esportivas com grande visibilidade internacional e que são vistos pela audiência como elementos da cultura do país (Huizinga, 2019). Essa característica os converte em instrumento de *soft power* dos Estados Unidos da mesma forma como o futebol para o Brasil, pois instiga curiosidade e interesse por elementos históricos, sociais e culturais que configuram um país.

Por conta disso, as modalidades esportivas passaram a ser vistas pelos governos como uma forma melhorar sua imagem perante a opinião pública internacional. É o caso do futebol para o Catar e Arábia Saudita, o *rugby* para a Nova Zelândia e África do Sul, bem como o ciclismo para França, importante país europeu que desperta paixão e ódio e que será discutido no próximo capítulo.

⁹ A Deezer é um serviço de *streaming* de áudios.

3. A CONTROVERSA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA FRANÇA

Neste capítulo, importantes episódios da história contemporânea da França serão apresentados – da conflagração da Revolução Francesa e seus ideais no final do século XVIII até a participação do país no conflito civil pela independência da Argélia entre os anos de 1954 e 1962 – com o objetivo de mostrar como a história recente do país desperta ressentimentos em outros povos que podem, por sua vez, prejudicar a sua atuação no sistema internacional.

3.1. O país da "Liberdade, Igualdade, Fraternidade"

Para compreender o impacto global da França, é necessário primeiramente entender o que foi, como se originou e as implicações que a Revolução Francesa provocou dentro e fora do país europeu. No Século XVIII, a França era governada por uma monarquia absolutista, comandada pelo Rei Luís XVI (Figura 8). Além disso, a sociedade era dividida em três estados: o Primeiro Estado, composto pelo clero; o Segundo Estado, formado pela nobreza; e o Terceiro Estado que envolvia o resto da população, principalmente a burguesia e os camponeses.

Figura 8 - Rei Luís XVI



Fonte: Antoine-François Callet (1779)

No Primeiro e Segundo Estados, a burguesia era responsável pelo controle do comércio, das finanças e da indústria, mas quem possuía privilégios eram a nobreza e o clero

(Costa; Mello, 2008). Ao final do século XVIII, para manter seu poder, essas classes dirigentes da monarquia absolutista francesa governavam de forma a impedir que a burguesia garantisse mais direitos e reivindicações. Portanto, o Terceiro Estado, que compunha mais de 90% da população francesa, era negligenciado em prol do Primeiro e Segundo. A figura abaixo (Figura 9) exemplifica a função da burguesia e dos camponeses na concepção dos outros estados.

Figura 9 - Terceiro Estado carregando o Primeiro e Segundo Estado nas costas

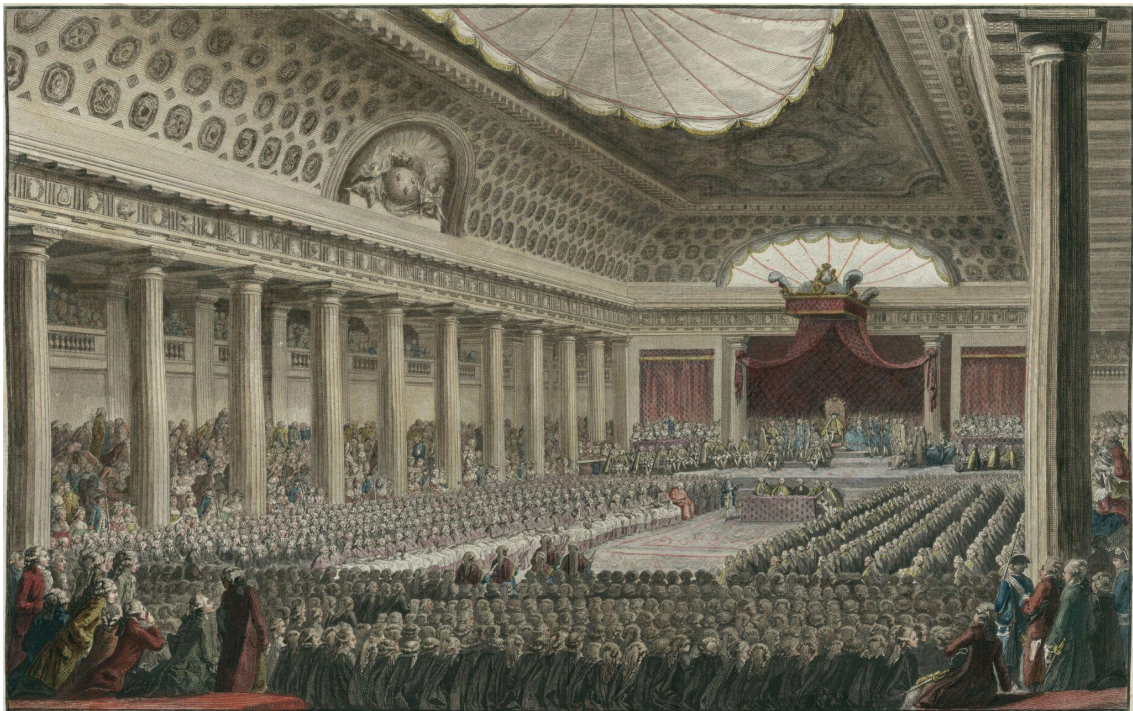


Fonte: Wikipedia (2023)

Nesse momento pré-revolução, outra dificuldade enfrentada era a estiagem que assolava a França. Como o país era praticamente agrário, a estiagem causou um grande

impacto na economia, principalmente nas camadas mais pobres, pois como se produzia menos alimentos, o custo dos mesmos aumentava para a população. Com o desdobramento da crise, Luís XVI convocou a Assembleia dos Estados Gerais em maio de 1789 (Figura 10) com a intenção de realizar uma consulta com os três Estados¹⁰. Por sinal, esse voto não tinha o poder de decisão e o seu intuito era apenas servir como uma consulta ao rei.

Figura 10 - Sessão da Assembleia dos Estados Gerais



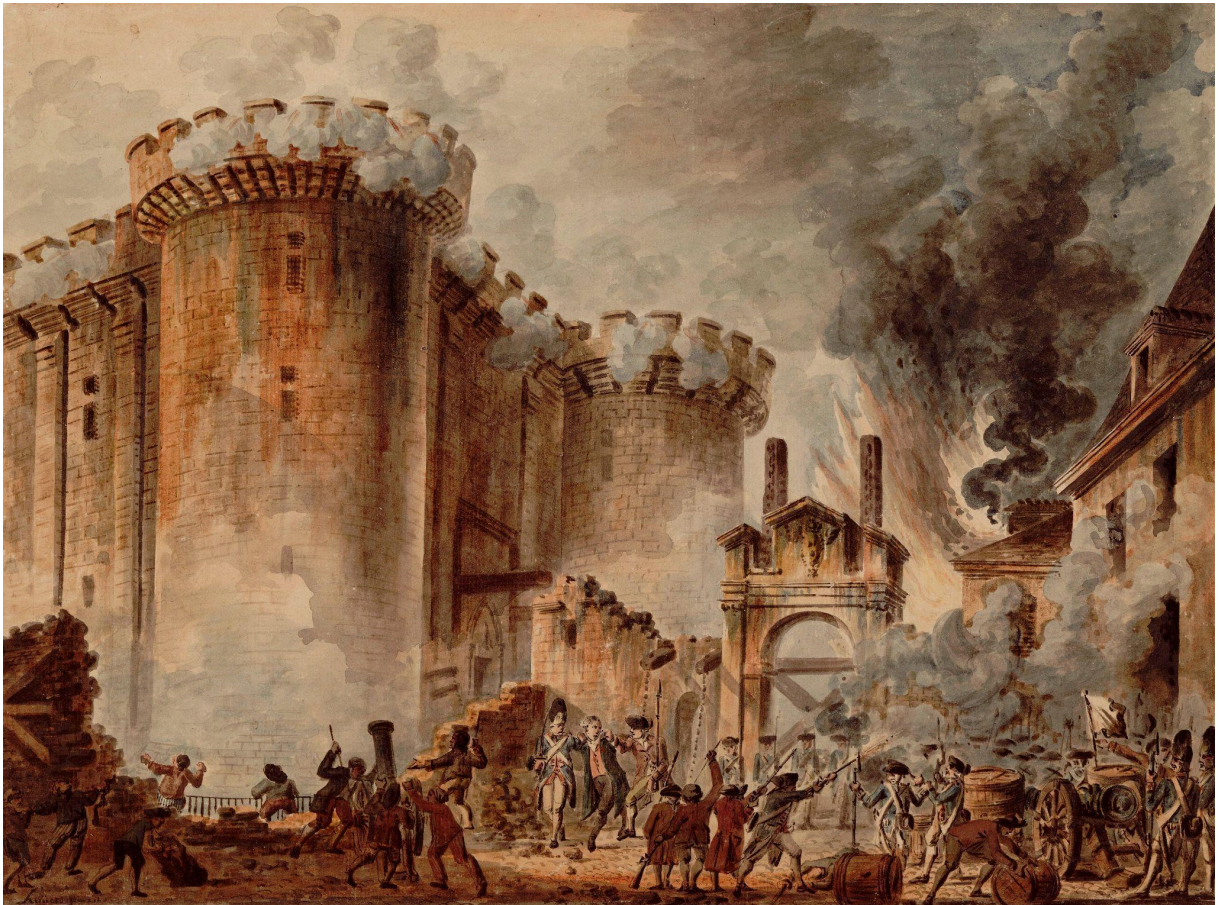
Fonte: Helman; Monnet (1789)

Como o Primeiro e o Segundo Estado comumente votavam de forma igual, o Terceiro Estado sempre estava em desvantagem, o que resultou em manifestações populares que exigiam o aumento do número de representantes do Terceiro Estado para igualar o dos dois primeiros. Além disso, os descontentes reivindicavam que a votação deixasse de ser em bloco para ser individual, pois dessa forma a Burguesia teria a vantagem, já que as partes do Baixo Clero e da Nobreza também votariam contra a monarquia (Costa; Mello, 2008). O rei acatou apenas o aumento do número de representantes, o que não mudava o resultado final das votações, gerando mais revolta na burguesia. Para além disso, a solução encontrada na Assembleia dos Estados Gerais foi a de aumentar os impostos do Terceiro Estado, prejudicando apenas essa camada e aumentando ainda mais a insatisfação da população.

¹⁰ Cada Estado possuía um voto conjunto. Ou seja, a votação era sempre ímpar, sem a possibilidade de empate.

Com o crescimento da insatisfação popular, o Terceiro Estado decide se separar do Primeiro e do Segundo Estado e cria uma nova assembleia, a Assembleia Nacional Constituinte. Essa iniciativa recebeu forte apoio da população, o que possibilitou a conquista de diversas adesões. Porém, o Rei foi contra a criação da nova constituição que estava sendo elaborada pela Assembleia, resultando na ordem de fechamento da mesma. A partir desse episódio, os *sans-cullotes* atacam a Bastilha e a derrubam, gerando o momento conhecido como “A Queda da Bastilha”, exemplificado pela figura abaixo (Figura 11). Esse momento é considerado o início da revolução (Arruda e Piletti, 1999).

Figura 11 - A Queda da Bastilha



Fonte: Wikipedia (2023)

A Revolução Francesa pode ser dividida em três momentos: Assembleia Nacional Constituinte e Assembleia Legislativa (1789-1792); Convenção (1792-1795) e por último o Diretório (1795-1799). A primeira fase é marcada pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que pode ser considerado o documento mais importante de toda a Revolução Francesa, pois ele define que todos os homens são iguais perante a lei.

Nesse período, a radicalização da população camponesa crescia e isso gerou uma fuga em massa por parte do clero e da nobreza. Também foi registrada a tentativa de fuga do Rei Luís XVI, que acabou sendo capturado e levado para Paris. Como forma de controlar a agitação, os líderes da revolução promulgaram a nova Constituição Francesa, que converteu o país numa Monarquia Constitucional e transformou a Assembleia Nacional Constituinte em uma Assembleia Legislativa.

É a partir desse momento que os dois grupos são consolidados: os Girondinos, compostos pela alta burguesia francesa que tinham um comportamento moderado e os Jacobinos, constituídos pela baixa burguesia que possuía um comportamento radical. De acordo com Hobsbawm (1977), a partir do estabelecimento da Assembleia Legislativa, ocorreu a declaração de Guerra contra a Áustria e a Prússia, nações absolutistas que apresentavam risco à revolução. É a partir dessa declaração, feita em 1792, que a radicalização se consolida e dá início ao chamado período do Terror, que resulta no fortalecimento dos Jacobinos e *sans-cullotes*¹¹, que se organizam e derrubam a monarquia francesa, instaurando a república.

Após a instauração da república, começa o segundo período da revolução, marcado principalmente pela execução do Rei Luís XVI, de sua esposa Maria Antonieta (Figura 12) e pelo período do Terror liderado por Robespierre. Nesse período a Assembleia Legislativa é substituída pela convenção, que determinou seus membros pelo sufrágio universal masculino. O Terror ocorre logo após a execução do Rei, o que resulta em um crescimento da guerra devido ao receio dos países absolutistas com o que estava ocorrendo na França. Além disso, foi uma característica marcante desse período a perseguição e execução pela guilhotina a todos aqueles que possuíam ideias contrárias ao que era defendido pelos revolucionários.

¹¹ Denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e até pequenos proprietários participantes da Revolução Francesa, principalmente em Paris (Arruda e Piletti, 1999).

Figura 12 - Execução de Maria Antonieta



Fonte: Wikipedia (2023)

A perseguição e o radicalismo resultaram em uma reação por parte dos Girondinos, chamada de Reação Termidoriana, o que levou diversos Jacobinos para a guilhotina. É a partir dessa reação que começa a terceira fase da Revolução Francesa, chamada de Diretório, em que foi redigida uma nova constituição que restaurou o voto censitário. De acordo com Burns (1972), o período foi chamado assim pois foi estabelecido um diretório que dividiria o poder entre cinco diretores. Além disso, foi feito um investimento no exército para evitar ameaças externas e também controlar revoltas internas. Vale ressaltar que é nesse momento há um crescimento da defesa de um governo mais autoritário, o que permite que Napoleão Bonaparte chegue ao poder através do “Golpe do 18 de Brumário”, que ocorreu em 1799 (Burke, 2014).

Apesar da radicalização instaurada após a instauração da república, a Revolução Francesa influenciou decisivamente na construção da ordem social mundial por ser a primeira revolução ecumênica e social de massa, que deixou como legados a ampliação da liberdade e do conhecimento desta liberdade, os princípios de justiça, de respeito ao outro, de respeito fraterno à sua liberdade e diferença. Ela repercutiu diretamente em vários eventos posteriores, como, por exemplo, os movimentos de independência na América Latina após 1808, e teve

suas ideias absorvidas pelo comunismo e socialismo modernos (Hobsbawm, 2005). Grande parte dessa relevância deve-se, também, ao fato da França ter sido o país que forjou a mais poderosa e tradicional das monarquias absolutistas da Europa.

3.2. A era napoleônica: a Europa de joelhos

A imagem da França se deteriorou na Europa com a chegada de Napoleão Bonaparte (Figura 13) ao poder em 9 de novembro de 1799, no que ficou conhecido como Golpe do 18 Brumário. Sua ascensão se deveu às vitórias obtidas em várias batalhas enquanto fazia parte do exército francês, como também pelo reconhecimento de suas habilidades como líder e estrategista.

Napoleão nasceu em 1769, na Córsega, era filho de pais italianos e optou por ingressar na carreira militar no exército francês, servindo como oficial de artilharia no momento em que a Revolução Francesa teve início. Com a deflagração da revolta em Paris, ele prontamente demonstrou apoio à causa Jacobina no período da Convenção. Embora jovem, logrou crescer rapidamente no exército, se tornando um dos oficiais mais reconhecidos e sendo considerado um dos maiores comandantes da história (LEFEBVRE, 1966).

Figura 13 - Napoleão Bonaparte

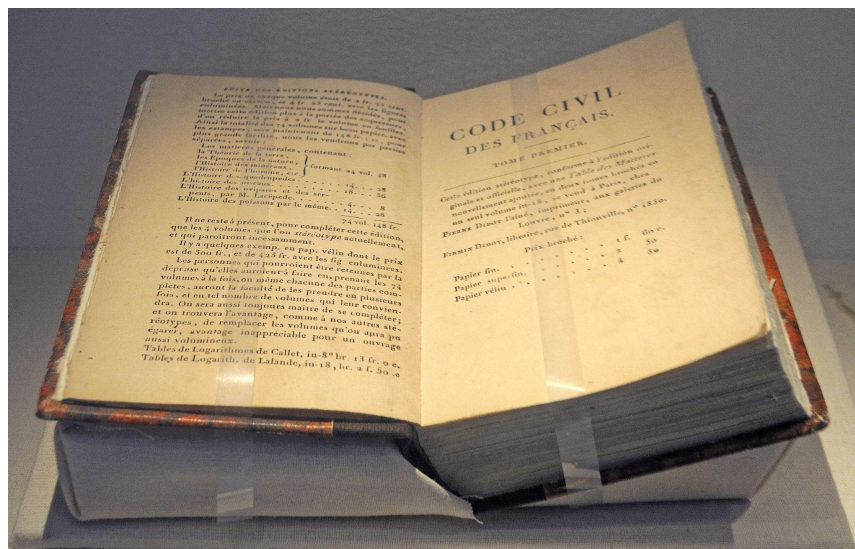


Fonte: Wikipedia (2023)

A partir do golpe de 18 de Brumário, que ocorreu sem derramamento de sangue, Napoleão implanta o Consulado, que compartilhou com outros dois diretores do período do Diretório que acabaram se aliando a ele. Uma das primeiras ações do Diretório foi a implementação de uma nova constituição que estabelecia Bonaparte como o primeiro-cônsul, garantindo a ele um mandato de dez anos e poderes ditatoriais, o que configura esse período como uma ditadura consular.

Em virtude das ameaças externas que a França sofria, Napoleão se dedicou a eliminar o perigo externo ao entrar em guerra com a Segunda Coligação (composta por Grã-Bretanha, Áustria e Rússia), logrando remover a Rússia da coligação através de estratégias políticas, derrotando a Áustria na Batalha de Marengo e, por fim, estabelecendo uma trégua com a Grã-Bretanha. Após o triunfo, ocorre a fundação do Banco da França, que faz com que a inflação seja reduzida, além de controlar a emissão da moeda. Também é criada a Sociedade Nacional de Fomento à Indústria, buscando fortalecer a economia nacional e por fim a relação do Estado com a Igreja é restabelecida (LEFEBVRE, 1966).

Figura 14 - Código Civil Napoleônico



Fonte: Wikipedia (2023)

Já em 1804, é criado o Código Civil Napoleônico (Figura 14), que assegurava a igualdade de todos perante a lei, garantindo também o direito à propriedade, aprovando a reforma agrária realizada durante a revolução, entre outras ações. Essa atitude gerou grande apoio dos camponeses (Costa; Mello, 2008). As diversas conquistas e ações realizadas por Napoleão resultaram em grande apoio do exército, burgueses e camponeses, o que

possibilitou a criação de uma nova constituição aprovada pela população, que transformava o Consulado em um Império, convertendo, dessa forma, Napoleão Bonaparte em Imperador dos Franceses.

Sua nomeação como Imperador foi realizada na catedral de Notre-Dame, e envolveu a vinda do Papa para realizar a coroação, e embora fosse o Papa que devesse realizar a entrega da coroa, Napoleão é quem realiza o gesto (Figura 15).

Envergando um manto vermelho, todo bordado de ouro, Napoleão recebe solenemente do pontífice a unção e o cetro. Mas, no momento de receber a coroa, avança em direção ao altar, colocando-a sozinho sobre a cabeça. Era um verdadeiro desafio, a afirmação de que toda a autoridade vinha de si próprio (Grandes Personagens da História Universal, vol. IV, 1972, p. 869/870).

Embora a França se tornasse um império, as instituições se mantiveram como antes, ou seja, não houve alteração na base política do governo que era composta pela burguesia, exército e os camponeses. Porém, era Napoleão, na prática, quem governava o país. Inclusive, ele distribuiu diversos títulos e coroas de países entre sua família, cedendo os territórios conquistados para seus vários irmãos.

Figura 15 - A Coroação de Napoleão

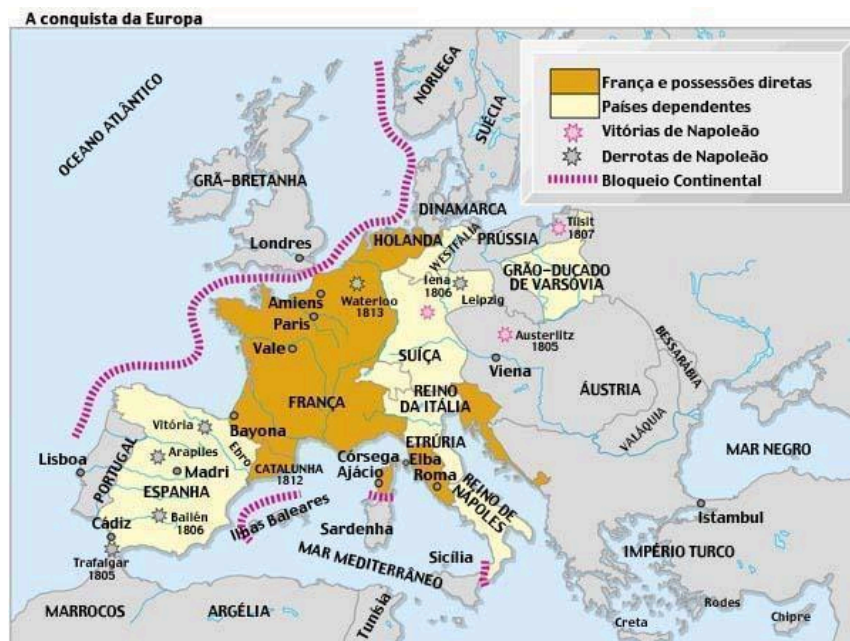


Fonte: Jacques-Louis David (1807)

Com o crescente desenvolvimento do Império Francês – com destaque para o processo de industrialização do país –, o receio dos países europeus cresceu, resultando na Terceira Coligação Antifrancesa, composta novamente pela Grã-Bretanha, Rússia e Áustria. Para este confronto, a França recebeu apoio da Espanha e, em 1805, a Marinha de ambos os países foi derrotada pela Grã-Bretanha comandada pelo Almirante Nelson. Embora Napoleão estivesse em desvantagem no mar, em terra ele possuía domínio total, pois derrotou as tropas russas e austríacas.

Nesse contexto, a França seguia conquistando territórios e, em 1806, era criada a Confederação do Reno, que reunia diversos estados do Império Romano-Germânico conquistados por Napoleão, que se autodeclarou “protetor” destes territórios (Costa e Mello, 2008). A partir dessa conquista, é criada a Quarta Coligação, dessa vez formada pela Grã-Bretanha, Rússia e Prússia, e mais uma vez a França se sagrou vitoriosa. Em 1807 é assinado o Tratado de *Tilsit* onde a Rússia se torna aliada da França e se compromete a considerar como inimigos todos os países que se negassem a fechar os portos para a Grã-Bretanha.

Figura 16 - Bloqueio Continental



Fonte: Google (2023)

Neste momento, Napoleão se torna o 'Senhor da Europa', embora ainda não fosse possível superar economicamente a Grã-Bretanha. Por conta disso, é decretado o bloqueio

continental, visto na figura acima (Figura 16), proibindo o comércio da Inglaterra com qualquer nação europeia. Isso resultou na invasão de diversos países que não puderam se manter sem o comércio britânico. De acordo com Costa e Mello (2008, p. 340):

Em cada local por onde seus exércitos passavam, a velha ordem era destruída e eram implantadas constituições, divulgado o Código Napoleônico e modernizadas as estruturas econômicas. As instituições burguesas substituíram as arcaicas estruturas absolutistas em todo o Velho Continente.

Em 1810, entretanto, a Rússia, com o apoio da Grã-Bretanha, se rebelou contra o bloqueio continental. Para penalizar a Rússia, dois anos depois – 1812 foi considerado o período mais próspero do Império Napoleônico conforme pode ser visto na figura abaixo (Figura 17) –, a França invade o território, mas acaba fracassando por Napoleão ter subestimado o clima do país. Além disso, os russos adotaram a estratégia de não deixar suprimentos conforme iam abandonando as cidades, o que acabou vitimando milhares de soldados franceses.

Figura 17 - O momento mais próspero do Império Napoleônico



Fonte: Costa e Mello, 2008, p. 340

O exército francês chegou a dominar Moscou após conseguir derrotar o exército Russo. Porém, não houve rendição por parte do Czar, que ordenou que seus cidadãos provocassem um incêndio que destruiu a maior parte da cidade. Com o exército russo se recompondo e o inverno se aproximando, as tropas francesas bateram em retirada (Figura 18), sendo devastadas pelo frio, pela falta de suprimento e pelo caos interno. De acordo com

Overy (2015), o fracasso na instauração do bloqueio comercial e da invasão à Rússia resultou numa crise no império francês.

Figura 18 - A Retirada de Napoleão de Moscou



Fonte: Adolph Northen (1851)

A crise deflagrada com o insucesso dos franceses na Rússia encorajou os adversários e teve como consequência a formação da Sexta Coligação, composta pela Prússia, Áustria, Rússia e Grã-Bretanha, unidos na tentativa de derrotar Napoleão. Em 1813, ocorreu a Batalha de Leipzig, onde as tropas francesas foram derrotadas. Apenas um ano depois, Paris é tomada pela Sexta Coligação e Napoleão era exilado para a Ilha de Elba em companhia de mil soldados.

Após o exílio de Napoleão, a dinastia dos Bourbon, representados pelo rei Luís XVIII (Figura 19) retomou o poder, transformando a França novamente em uma monarquia. Esse acontecimento motivou o retorno do clero e da nobreza que haviam escapado da revolução e foi um período marcado pelo Terror Branco, onde se instaurou uma onda de violência por parte dos nobres e do clero, que além disso buscavam retomar suas terras que haviam sido confiscadas e distribuídas entre os camponeses (Burns, 1972).

Figura 19 - Rei Luís XVIII



Fonte: Robert Lefèvre (1822)

Napoleão acompanhava as notícias em seu exílio e, ao ver a situação conflituosa, foge da ilha e avança para a França com seu contingente de mil soldados. Luís XVIII envia um batalhão para deter Napoleão, mas seus soldados, ao se encontrarem com o ex-imperador, o reconhecem como líder legítimo. Foi dessa forma que Napoleão retomou o comando do exército, logrando a adesão de milhares de soldados em cada lugar que passava enquanto marchava em direção a Paris. Com a iminente chegada de Napoleão à capital francesa, o rei foge para a Bélgica e assim o poder está novamente nas mãos de Bonaparte, no que seria conhecido como o Governo de Cem Dias (Burns, 1972).

Com o intuito de antecipar os passos dos inimigos, Napoleão optou por enfrentá-los antes que a França fosse invadida, na chamada Batalha de *Waterloo* (Figura 20), que ocorreu na atual Bélgica no dia 15 de julho de 1815. Napoleão ao ser derrotado pela Sétima Coligação, formada pelas forças inglesas e prussianas, além de outros exércitos - decidiu

renunciar ao trono e ser exilado na Ilha de Santa Helena pelos ingleses, onde seis anos mais tarde viria a falecer.

Figura 20 - Batalha de Waterloo



Fonte: Wikipedia (2023)

É o fim da Era Napoleônica e a retomada da monarquia na França. Apesar deste ser um período marcado pela união das monarquias no que é conhecido como “Santa Aliança”, as incursões de Napoleão pelos Estados Europeus fez com que a reputação do país fosse abalada, suscitando desconfianças em vários países que, futuramente, voltariam a entrar em guerra contra a França.

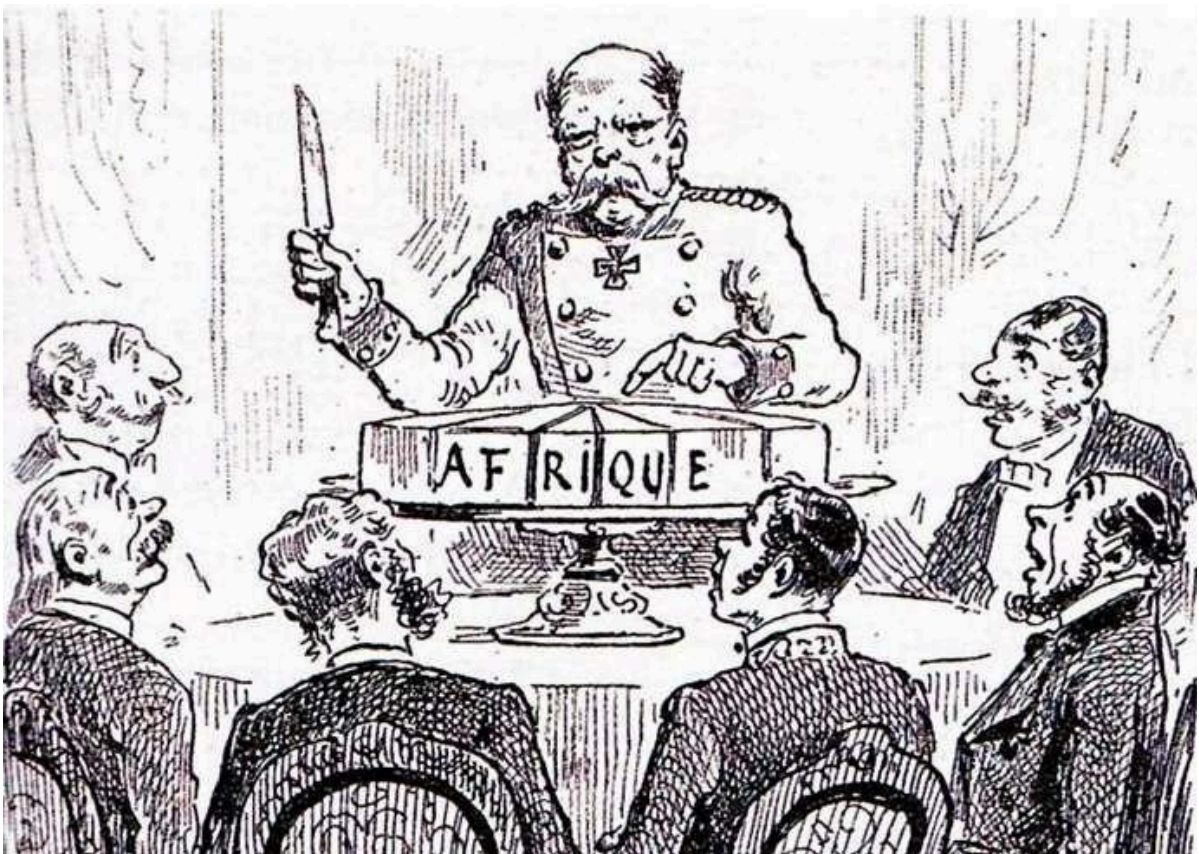
3.3. O colonialismo francês na África subsariana

Para compreender o colonialismo francês na África subsariana, é necessário abordar a Conferência de Berlim, que ocorreu entre os anos de 1884 e 1885. Embora a colonização de territórios africanos não fosse algo novo, ocorrendo majoritariamente na costa do continente, o crescente interesse dos países imperialistas pela África e suas redes fluviais de navegação resultaram na realização da Conferência, organizada pela Alemanha e pela França. De acordo com Mariano (2022), foram estabelecidos três pontos principais que guiaram o debate: a liberdade de comércio na bacia e no estuário do rio Congo; a liberdade de navegação nos rios

Congo e Níger; e as formalidades que deveriam ser cumpridas para que novas ocupações na costa da África fossem consideradas efetivas.

Portanto, o foco inicial da Conferência de Berlim não era dividir a África, apesar de ter acontecido a divisão do território entre as potências europeias (Figura 21). A partir do artigo 34 do Ato de Berlim, também conhecido como doutrina das esferas de influência, instituiu-se a exigência de que toda nação que controlasse um novo território na costa africana deveria sinalizar para os membros presentes na Conferência de Berlim. Dessa forma o controle do território seria legítimo caso não fosse contestado por outro país.

Figura 21 - Partilha da África



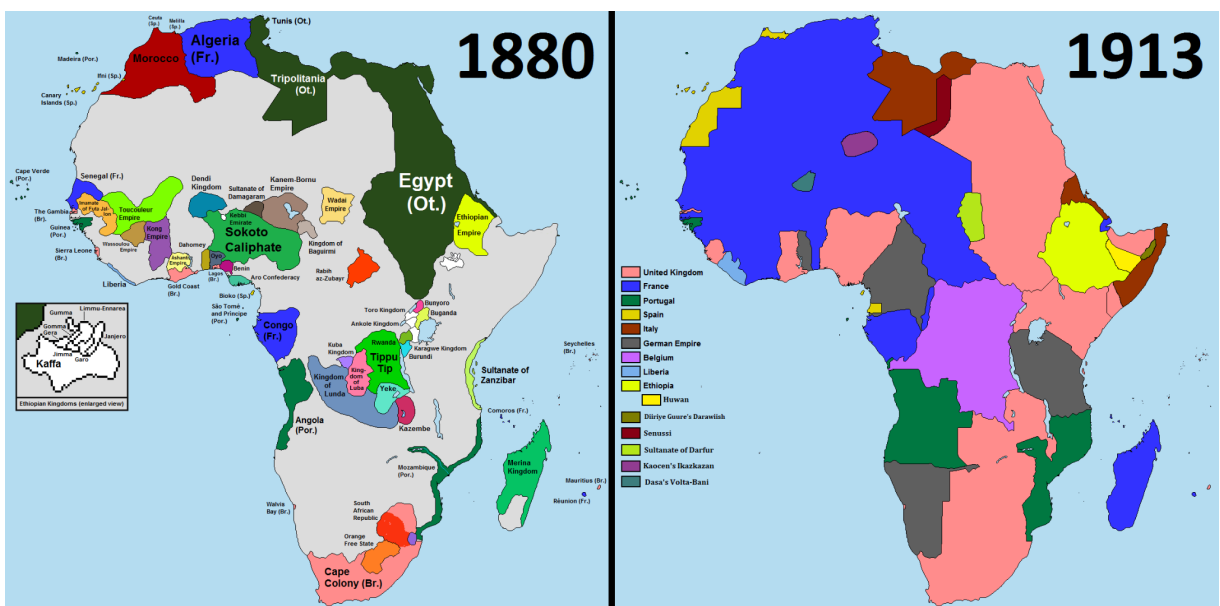
Fonte: Google (2023)

Os diversos acordos realizados durante a conferência deram o poder aos países europeus de conquistar de forma “legal” territórios africanos. De acordo com Uzoigwe (2010, p. 35), “semelhante situação não tem precedentes na história: jamais um grupo de Estados de um continente proclamou, com tal arrogância, o direito de negociar a partilha e a ocupação de outro continente”.

Conforme dito anteriormente, para que a conquista de um território fosse válida, ela deveria ser aceita pelos outros países e não ser contestada. Quando os territórios eram contestados, a solução se dava através de acordos entre os países europeus que a disputavam, e, para definir as fronteiras se buscava definir a partir de fronteiras naturais ou coordenadas.

De acordo com Uzoigwe (2010), a França se tornou um dos países que mais utilizaram da força militar para conquistar territórios africanos, avançando do alto para o baixo Níger e derrotando diversos líderes africanos ao longo do caminho. Conquistas também foram realizadas na África Ocidental, territórios como Costa do Marfim e Guiné Francesa, além de posteriormente conquistar o Gabão e consolidar seus territórios ao norte, por último, conquistando a ilha de Madagáscar (Figura 23).

Figura 23 - Comparação da colonização da África entre os anos de 1880 e 1913 (França em azul)



Fonte: Wikipedia (2023)

De acordo com Ki-Zerbo (1972), a colonização na África era baseada em duas vertentes, o modelo colonial indireto e o modelo colonial direto. O primeiro era considerado uma forma menos violenta de controle, onde era definido um representante local como administrador da colônia. O modelo em questão, utilizado pela Grã-Bretanha, buscava simplesmente reduzir os custos que os países teriam ao administrar suas colônias. Já o sistema direto, utilizado pela França, definia um administrador ou governador que seria o responsável

por controlar o território, num sistema que seria vertical (Figura 24), ou seja, esse governador era a pessoa mais poderosa e a mesma ordem seguia para os cargos abaixo deste.

Embora o controle fosse do colonizador, figuras populares também recebiam poder por parte da colônia. Embora esse poder fosse puramente simbólico, essa pessoa teria como função controlar a população local, o que comumente a fazia perder o prestígio com seu povo rapidamente. De acordo com Mabeko-Tali (2013, p. 748), isto levou na prática à destruição simbólica e efetiva do verdadeiro poder tradicional, à banalização da função e de um poder outrora sagrado.

Figura 24 - Estrutura vertical colonial



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em outras colônias, além das francesas, havia o processo de morte política do chefe tradicional e envolvia a humilhação pública dele ou de sua família. Já na colônia francesa, esse processo fortalecia o sistema de trabalho forçado vigente e obrigava os chefes a seguirem as ordens do governador para escapar de represálias. Portanto, nota-se que ser elevado à posição de chefe não era um benefício político, mas sim uma armadilha sem saída. Mabeko-Tali (2013, p. 750) disserta sobre a estrutura colonial francesa:

Tal estruturação traduzia-se, na prática, por um sistema baseado fundamentalmente na intolerância, e que levava a que se castigasse da maneira mais cruel possível não apenas o aldeão desobediente, mas também todos os que se furtassem à corveia, que faltassem ao pagamento dos diversos tipos de impostos coloniais, ou que não tivessem produzido a quota de borracha ou de marfim requerida por força.

Portanto, as colônias francesas eram marcadas por uma violência sistêmica que buscava intimidar e fazer com que o máximo de recursos fosse recolhido, dessa forma, o cumprimento das ordens era uma maneira de se preservar de possíveis punições. As companhias coloniais que administravam muitos dos territórios buscavam a maior captação possível de recursos, pois assim obteriam maiores benefícios, de forma inversamente proporcional - a violência crescia conforme a necessidade de arrecadação aumentava (HOBBSAWM, 2005).

Outro fator importante eram as chamadas milícias coloniais, isto é, africanos oriundos de outras regiões que formavam grupos paramilitares com a função de manter a ordem nas colônias. A milícia não era formada por integrantes das comunidades locais, pois desse modo era possível evitar a proximidade dos mesmos com a população. Elas utilizavam de extrema violência para conter insatisfações e seus métodos variavam de acordo com a sua função dentro da colônia.

Para que fique claro o porquê a colonização francesa foi tão sangrenta, faz-se necessário um comparativo com a colonização britânica, que adotou o modelo indireto de administração. A Grã-Bretanha possibilitou um poder, mesmo que fictício, para as lideranças locais, transformando essas lideranças em gestoras dos assuntos da comunidade. Já o molde francês buscou apagar toda a história e as tradições das regiões colonizadas para que a população pudesse absorver a cultura francesa. O sistema educacional foi alterado em prol do sistema francês, com o intuito de legitimar sua suposta missão civilizadora e quem se opusesse era assassinado ou exilado (Mabeko-Tali, 2013).

Além das mazelas que já eram infligidas à população africana, a expropriação das terras também provocou um grande impacto social por tomar da população o controle das fontes de subsídio e alimentação. As companhias concessionárias utilizavam a população como mão de obra em regime de semiescravidão, pois pagava muito pouco e não estabelecia nenhum retorno em troca. Conforme foi dito anteriormente, a violência sistêmica nas colônias francesas tinha como objetivo maximizar o rendimento.

O trabalho forçado acabava por simbolizar a violência de um sistema de exploração capitalista que, naquela fase do fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, até pelo menos ao fim da II Guerra Mundial, estava na sua transição da fase mais brutal, ainda prenhe de herança do trabalho escravista, para um capitalismo mais moderno. Isto colocou constantemente o discurso moralista e antiescravista europeu,

construído no século XIX, perante impossíveis dilemas e inúmeras contradições (Mabeko-Tali, 2013, p. 761).

As violências empreendidas nas colônias francesas provocaram diversas revoltas entre os anos de 1928 a 1932. Ao longo de várias décadas, as práticas desumanas utilizadas no colonialismo francês semearam um profundo ressentimento dos africanos em relação à França, ressentimento esse que teve na guerra de libertação na Argélia (1954-1962) seu ponto máximo de descontentamento e repercussão negativa internacional..

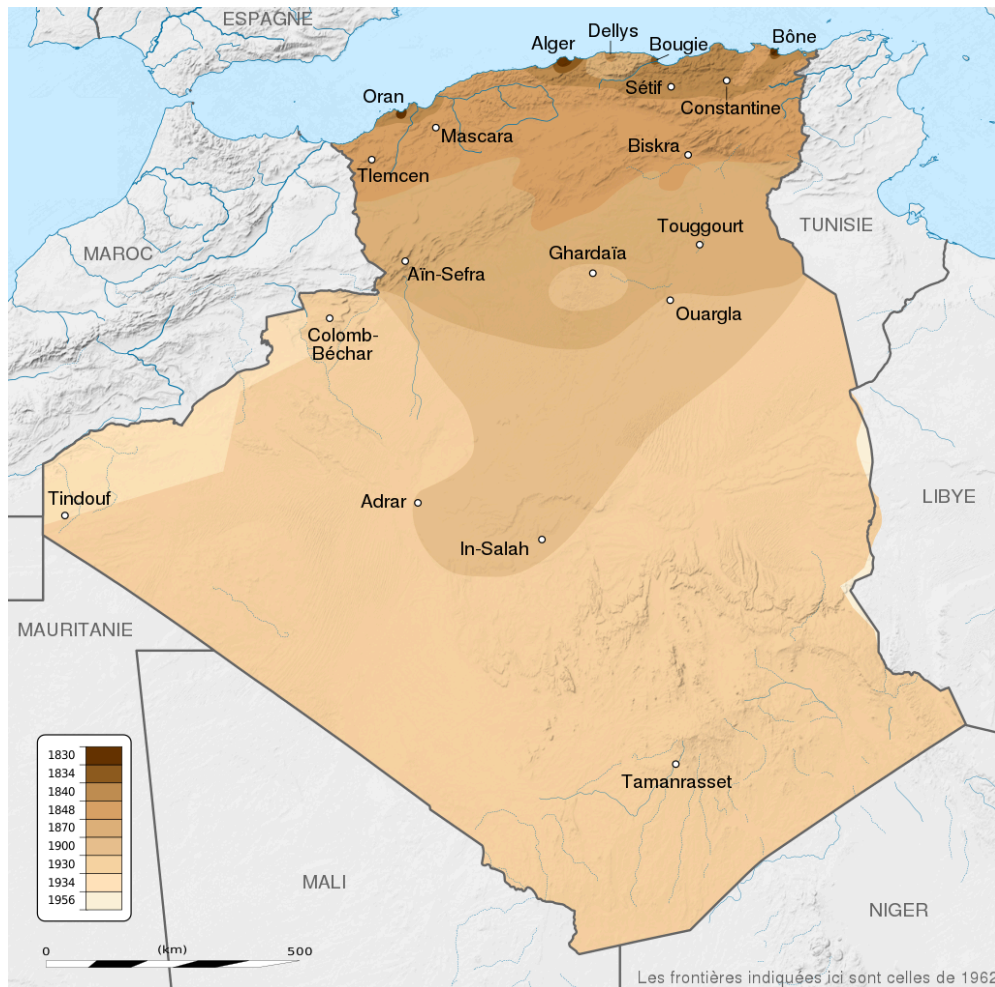
3.4. A repercussão da Guerra da Argélia

A Guerra da Argélia foi um movimento revolucionário que começou no ano de 1954 quando a população argelina pegou em armas contra a França com o intuito de obter a independência do país em relação à França. Esta foi considerada uma das guerras mais sangrentas do século XX e mudou definitivamente a imagem internacional da França. Se antes o país era conhecido como a terra da liberdade, igualdade e legalidade, após esse conflito passou a ser questionado como país defensor dos direitos humanos (FERRO, 1996).

A colonização francesa na Argélia não se deu de forma diferente dos outros territórios colonizados pelos franceses, isto é, foi um projeto de colonização que envolvia o silenciamento de tradições já existentes dos povos subjugados para a exaltação de valores europeus. Além disso, a expropriação das terras também esteve presente na Argélia, região em que se estima que os colonos – que perderam milhares de hectares entre os anos de 1850 e 1950 (Figura 25) – foram removidos de suas terras e transformados em mão de obra assalariada (YAZBEK, 1986).

Algumas tentativas de rechaço da cultura local envolvia a enfame oferta para a população renegar o estatuto civil muçulmano em troca da cidadania francesa, oferta essa que foi amplamente recusada pela população local e que causa ainda hoje indignação entre os argelinos (Yazbek, 2010). A agricultura também foi afetada, com o abandono do cultivo de cereais para fomentar a produção de vinho com foco no comércio externo. Para aumentar a repressão, em 1880 o governo francês criou o Código dos Indígenas, que buscava penalizar duramente aqueles que não respeitavam as leis vigentes. Essa iniciativa teve o intuito de permitir que os colonizadores tivessem controle da população a partir do medo.

Figura 25 - Evolução do domínio francês na Argélia



Fonte: Wikipedia (2023)

O fato da Argélia possuir muitos recursos, atraiu franceses para o país. A colonização foi acelerada e os colonos franceses recebiam territórios expropriados pelo governo de seu país, além de ter linhas de crédito como facilitadoras na compra de territórios. De acordo com Yazbek (2010, p. 24), no começo da Primeira Guerra Mundial, já viviam no país mais de setecentos mil europeus e seus descendentes.

O modelo econômico adotado na Argélia pelo governo francês não tinha o objetivo de desenvolver internamente o país, mas maximizar os lucros a partir da produção nacional para o mercado externo. Esse sistema, entretanto, fomentou o nascimento do nacionalismo argelino. Embora os muçulmanos da alta sociedade participassem do governo, com o passar do tempo eles começaram a ser substituídos pelos franceses que ocupavam majoritariamente os conselhos municipais. Durante o período entreguerras, a economia e a industrialização da

Argélia haviam avançado consideravelmente, possibilitando que certa parte da população pudesse usufruir de melhores condições econômicas. Isso também possibilitou a formação de grandes grupos de estudantes na metrópole, que debatiam a situação do país entre si e estabeleciam uma consciência nacionalista.

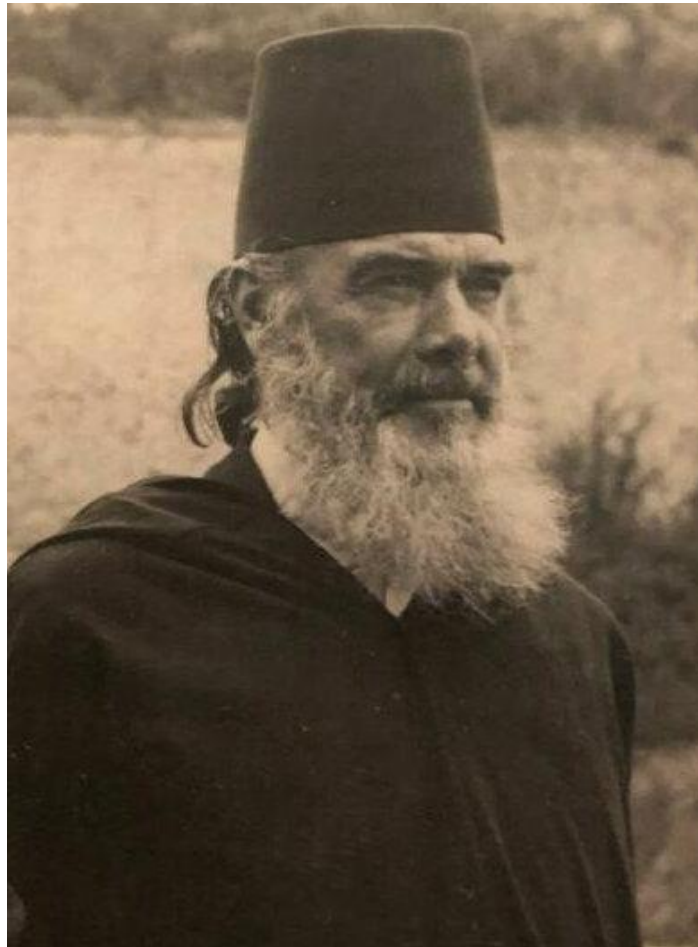
De acordo com Yazbek (2010, p. 30):

Foi em Paris que estudantes do Maghreb fundaram, em 1926, a primeira organização política que tinha a independência como meta: a Estrela Norte-Africana (ENA). Nesse contexto, surgiram as primeiras organizações nacionalistas ou protonacionalistas argelinas.

A partir desse momento, o surgimento de organizações políticas argelinas que buscavam a independência foi aumentando, mesmo sob forte censura do governo francês. Entre as organizações políticas que surgiram destaca-se a União dos Muçulmanos Norte-Africanos (UMNA), organizada por Messali Hadj¹² (Figura 26). Após sua dissolução por parte da França, Messali criaria dois anos mais tarde o Partido do Povo Argelino (PPA), que futuramente criaria a Organização Especial (OS), uma organização paramilitar que viria a ser crucial para a guerra de independência da Argélia.

¹² Messali Hadj se tornaria referência na luta pela independência e pelo socialismo argelinos. Esteve ativo tanto na França como na Argélia na organização da luta para expulsar os colonizadores franceses de seu país (Yazbek, 2010, p. 31).

Figura 26 - Foto de Messali Hadj



Fonte: Wikipedia (2023)

Em 1937 é proposta a Lei Blum-Violette pelo governo da Frente Popular na França com o objetivo de aumentar a participação dos muçulmanos e conferir cidadania aos mesmos. Porém, a lei foi combatida tanto pelos colonialistas quanto pela corrente que era liderada por Messali (Yazbek, 2010). Portanto observa-se que a ruptura já estava se fazendo presente e a radicalização anticolonial crescia. Nesse momento o PPA ainda buscava uma emancipação por meios legais, mas suas ideias eram descartadas pelo governo francês. Para piorar a situação, pouco depois da proposta ter sido reprovada, o partido foi extinto pelas autoridades francesas.

Com o avanço da Segunda Guerra Mundial, a França começou a perder o controle de seus territórios coloniais, pois os movimentos locais de emancipação perceberam a fragilidade política e militar que a França se encontrava em meio à guerra na Europa. Nesse período,

deram início a vários processos de independência, entre eles o da Indochina, atual Vietnã, que ocorreu em torno da década de 1950 (Yazbek, 2010).

As tensões ao redor dos processos de independência aumentavam em toda a África e a insatisfação do povo argelino crescia ao ver que a França seguia controlando e marginalizando a população local. As tensões chegaram a um ponto que já era impossível estabelecer um diálogo entre as partes, promessas como a de colocar fim ao regime colonialista ao fim da Segunda Guerra Mundial não foram cumpridas, fazendo eclodir milhares de protestos na Argélia que foram duramente reprimidos pelo exército francês. Motivados pelos acontecimentos recentes, a população argelina voltou-se contra as autoridades francesas no país e iniciou uma onda de violência que vitimou milhares de colonos franceses por todo o país

Figura 27 - Frente de Libertação Nacional da Argélia



Fonte: Wikipedia (2023)

Em 10 de Outubro de 1954, era anunciado no Cairo a constituição da Força de Libertação Nacional (FLN), representada pela figura acima (Figura 27), sendo a expressão política do Exército de Libertação Nacional (ELN). No dia 1º de novembro de 1954 teve início a Guerra da Independência Argelina, que finalizaria apenas no dia 19 de março de 1962. A FLN foi obtendo a adesão de grande parte da população devido ao caráter popular e simbólico da revolução. De acordo com Yazbek (2010), o ELN contava com pouco mais de

quinhetos combatentes no início de suas operações em 1955. No auge da guerra, suas tropas chegaram a contar com mais de cem mil homens.

Por conta de seu grande caráter popular, a revolução tinha à disposição um grande número de guerrilheiros que estava disposto a lutar pela liberdade, e isso se deve a forma com que a colonização francesa ocorreu no país. O Exército de Libertação Nacional utilizava de práticas terroristas e sabotagens, o que, por sua vez, aumentou a repressão por parte do exército colonial. A pressão exercida pelos guerrilheiros fez com que o governo francês ordenasse a chegada das unidades de paraquedistas, que era considerada a elite do exército, aumentando, assim, a violência no norte da África.

O conflito aumentava conforme a colônia se recusava a renunciar de forma pacífica ao controle do país. Conforme a rebelião se estendia para o interior, o governo francês tentou negociar com grupos nacionalistas moderados, porém esses grupos já não tinham influência, pois o entendimento das massas era de que a única alternativa possível era o conflito armado. Durante o confronto, a FLN levou o caso da guerra até a Organização das Nações Unidas (ONU), aumentando seu apoio mundial e levando mais pressão para o governo francês, que buscava tratar a guerra puramente como um assunto interno (Yazbek, 2010).

Todas as tentativas de conciliação por parte do governo francês eram barradas pela FNL, que já possuía amplo apoio interno e externo. Embora houvesse um movimento do governo francês de buscar uma conciliação, esse comportamento não era refletido pelos colonizadores e pelo exército francês situado na Argélia. As práticas terroristas, de tortura e organização de massacres ainda eram realizadas, resultando na morte de aproximadamente 100.000 argelinos em cada ano da guerra. Como a FNL recebia tanto apoio interno quanto externo, grande parte dos auxílios recebidos provinha da França, onde havia um grande movimento a favor da independência (FERRO, 1996).

Vale salientar que a violência empreendida pelo exército francês, mais especificamente dos paraquedistas, foi uma forma que o governo daquele país encontrou para superar a humilhação sofrida na Guerra da Indochina e recuperar a moral do exército. Um dos episódios mais marcantes desse período aconteceu, segundo Yazbek (1986), em 1960, quando em meio a manifestações pacíficas pela independência, os soldados franceses abriram fogo indiscriminadamente nos manifestantes.

Um outro episódio marcante da Guerra da Argélia que deteriorou a reputação da França foi a descoberta de campos de concentração que serviam como punição para os argelinos que se rebelassem contra o governo colonial, que aprisionaram mais de trinta mil argelinos. Esses campos eram divididos em dois tipos: um com tortura, mortes e desaparecimento de prisioneiros; e o outro, de fachada, isto é, funcionavam como uma espécie de “vitrine” para receber as comissões de direitos humanos e mostrar que “os prisioneiros comem e dormem bem”, “não gritam” etc (Yazbek, 2010, p. 67-68).

A ocupação francesa na Argélia, de acordo com Yazbek (2010, p. 68) se utilizou das mais diversas formas de violência durante o período da guerra:

Estado de sítio em um território com legionários, soldados das forças locais e efetivos do pacto da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN); multiplicação das zonas interditadas; tortura disseminada pelos paraquedistas do general Massu; prisões em massa e massacres de civis; bombardeios com napalm; destruição de aldeias; tentativas de separar as populações do Maghreb; radicalização das operações de guerra com a chegada ao poder do general Charles de Gaulle; entrada em cena da OAS; e tentativa de amputação do Saara argelino

Em contrapartida à violência colonial, os líderes da revolução argelina se mostraram irreduzíveis em relação a sua independência e, diante das arbitrariedades cometidas pelos europeus, passaram a rechaçar qualquer outra possibilidade de cessar fogo. A repercussão internacional foi tão desfavorável à França que, em janeiro de 1961, Charles de Gaulle realizou uma consulta junto ao povo francês sobre a independência da Argélia. 75% da população foi favorável, o que obrigou o governo francês a assinar o Acordo de Évian, em 1962, ano em que a Argélia lograva sua independência. Era o fim da Guerra da Argélia, que vitimou aproximadamente meio milhão de pessoas, sendo a maioria argelinos (Sampaio, 2013).

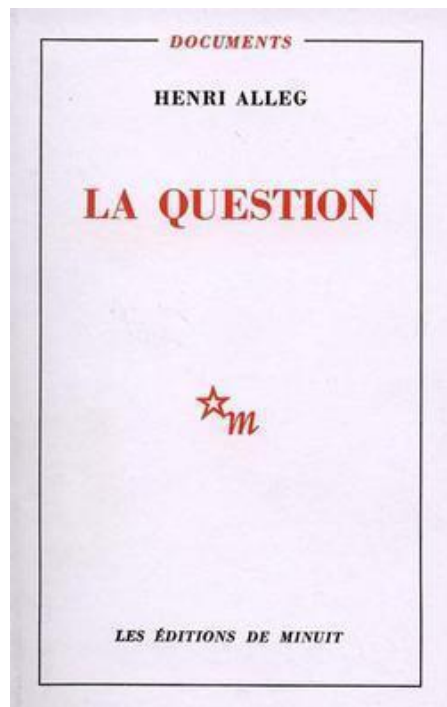
A Guerra da Argélia foi um dos conflitos mais sangrentos do século XX e influenciou uma série de revoluções que tinham como objetivo a libertação da opressão européia. Entretanto, talvez o que mais tenha caracterizado o conflito foi o efeito de indignação que provocou em intelectuais e populações dentro e fora da Europa. Como visto, a revolução teve amplo apoio de grande parte da população francesa, além de diversos países africanos e árabes. Jean-Paul Sartre e Francis Jeanson, que faziam parte do grupo da Revista *Les Temps Modernes*, constantemente veiculavam denúncias a respeito da violência exercida por parte do exército francês e colonialista (DOSSE, 2021).

Outro autor de grande impacto foi Frantz Fanon, de ascendência africana, que defendia a violência do colonizado contra o colonizador como algo legítimo, pois ela se justificava como a única maneira de alterar de forma radical toda a situação.

Para além das manifestações de intelectuais, também foi criado o filme *A Batalha de Argel* em 1965, retratando uma das batalhas mais emblemáticas de forma clara e realista, servindo como um veículo de propaganda da luta dos argelinos pela descolonização e também sendo considerado um dos filmes políticos mais importantes do século XX (Yazbek, 2010).

Outro documento importante que denunciava os horrores da guerra por parte do exército francês e colonos foi o “*La question*” (Figura 28) produzido por Henri Alleg enquanto estava na prisão em Argel. O texto produzido no final dos anos 1950 e abordava a tortura praticada pelos soldados franceses. Por fim, grande parte da repercussão internacional se deve principalmente a forma como a atuação francesa na guerra foi divulgada, chocando a opinião pública global.

Figura 28 - Documento “*La question*”



Fonte: Wikipedia (2023)

Por conta do período colonial, vários países e suas populações passaram a nutrir ressentimentos pela França, culminando em violência contra cidadãos franceses na África ou

ataques terroristas na Europa – como os ataques de novembro de 2015 em Paris. Para amenizar ou restaurar sua imagem internacional dentro e fora da Europa, a República Francesa passou a investir em instrumentos para fortalecer seu *soft power*. É o caso da Aliança Francesa e do *Tour de France*, principal evento de ciclismo do país que será analisado no próximo capítulo.

4. O TOUR DE FRANCE

4.1 Concepção do evento

O *Tour de France* é o maior evento de ciclismo do mundo, superando outras competições como o *Giro d'Italia* e a *Vuelta a España*. De acordo com Hamilton (2013, p.8), "o *Tour de France* é para o ciclismo o que o *Wimbledon* é para o tênis, o que o *Grand National* é para as corridas de cavalo e o que o *Super Bowl* é para o futebol americano"¹³.

Sua primeira edição ocorreu em 1903 e foi idealizada e organizada por Henri Desgrange com o intuito de promover seu jornal chamado *L'Auto*, e também como forma de combater outro evento ciclístico chamado de *Paris-Brest-Paris*, criado por outro jornal de esportes chamado de *Le Petit Journal* (Lazell, 2006). As primeiras edições foram conturbadas, com casos de trapagens como pegar o trem para ganhar tempo, trancar a passagem dos ciclistas para atrapalhá-los, agressões e outras polêmicas relacionadas à própria manutenção da bicicleta. Já em seu segundo ano, a competição se tornou um evento social, mobilizando a população francesa para acompanhar e torcer por seus favoritos. Com o passar dos anos o evento foi ganhando força e alcançando ciclistas de outras nacionalidades. De acordo com Lazell (2006, p.7):

Inicialmente a corrida era uma competição de pura estamina. Com as etapas durando mais de 16 horas, com pouco espaço para o trabalho em equipe. Desgrange constantemente mexia nas regras, introduzindo novas características como montanhas altas, tomadas de tempo individuais, corridas auxiliares dentro da corrida, até que o Tour amadureceu para seu formato moderno.¹⁴

Portanto, o *Tour de France* foi evoluindo com o passar dos anos, inicialmente valorizando a força individual e posteriormente adotando novas características, regras que o fizeram crescer sua abrangência. Nos dias atuais, o evento é organizado pela *Amaury Sports Organization*, sendo parte da Amaury, dona do jornal *L'Équipe* – jornal sucessor do *L'Auto*. Atualmente, ele é considerado o evento esportivo mais assistido do mundo, com mais de três bilhões de espectadores durante a transmissão, superando a Copa do Mundo e as Olimpíadas (Burton, 2022).

¹³ Tradução livre.

¹⁴ Tradução livre.

Tabela 2 - Eventos esportivos que mais atraem público

Posição	Evento	Audiência
1	Tour de France	3.5 bilhões
2	Copa do Mundo de Futebol	3.3 bilhões
3	Copa do Mundo de Críquete	2.6 bilhões
4	Jogos Olímpicos de Verão	2 bilhões
5	Jogos Olímpicos de Inverno	2 bilhões
6	Copa do Mundo de Futebol Feminino	1.12 bilhão
7	Boxe	1 bilhão
8	UEFA Champions League	380 milhões
9	Super Bowl	99 milhões
10	NCAA Final Four	16.9 milhões

Fonte: Burton (2022)

Em seus primeiros anos, o *Tour de France* era conhecido como “*La Grande Boucle*”, em português, “A Grande Volta”, isso porque a proposta inicial era dar uma volta ao redor da França de forma contínua, ou seja, sem pausas (Hamilton, 2013). Com a evolução da competição ao longo dos anos, o evento adotou o formato como conhecemos hoje: com 21 etapas e apenas 2 dias de pausa dentro de um período de 23 dias, percorrendo 3.492 km ao longo da França e ocasionalmente em países vizinhos, como será o caso da edição de 2024 exemplificado na figura abaixo (Figura 29), que começará na Itália até sua conclusão, na França (LeTour, 2024).

A competição, que inicialmente teve 21 ciclistas, agora contabiliza 176 ciclistas divididos em 22 equipes, concentrando competidores de diversos países do mundo e também mobilizando numerosas equipes para acompanhar os atletas e fornecer a melhor estrutura possível para que tenham condições de conquistar o primeiro lugar.

Figura 29 - Mapa da edição de 2024 do *Tour de France*



Fonte: *LeTour* (2023)

Embora a competição seja francesa e ocorra majoritariamente em território francês, a participação de outros países como sede de algumas etapas se tornou comum ao longo de sua história. Além da Itália, que sediará a largada em 2024, países como Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça, Luxemburgo, Irlanda, Reino Unido, Mônaco, Dinamarca e Espanha também receberam etapas do evento (LeTour, 2024). A inclusão de alguns países para sediar etapas da competição pode ser vista como uma forma de ampliar a notoriedade do evento, fazendo com que populações possam ter a chance de vivenciar a competição dentro de seu

próprio país, o que pode gerar um maior interesse e oportunidade de atração de novos públicos.

A organização do evento também se preocupa em elaborar um trajeto que proporcione desafios diferentes para os ciclistas com base na geografia do local. Assim, observa-se, ao longo do percurso, etapas planas que favorecem os *sprinters*¹⁵, etapas montanhosas que favorecem os escaladores¹⁶ e etapas de contrarrelógio¹⁷, todas essas etapas devem ser pensadas para o melhor desempenho esportivo mas também com foco no turismo (Hamilton, 2013). Portanto, é feito um planejamento para incluir nas etapas cenários que proporcionem belas vistas aos presentes e aos telespectadores, com passagens pelo meio de cidades e vilas tradicionais (Figura 30), paisagens naturais como lagos, rios, mares e florestas, além das montanhas que representam a competição em materiais promocionais do evento.

Figura 30 - *Tour de France* 2023 - Etapa 10 - Vulcania / Issoire



Fonte: *LeTour* (2023)

A escolha de locais turísticos é resultado, também, da pressão exercida por parte dos prefeitos e outras organizações que desejam ter uma parte do *Tour de France* passando por dentro de suas cidades, pois é atrativo para visitantes que buscam um local privilegiado para ver a chegada dos ciclistas (Hamilton, 2013). Essa escolha resulta também em um impacto

¹⁵ *Sprinters* são os ciclistas que possuem aptidão para etapas planas, disputando os últimos metros com toda a força possível.

¹⁶ Escaladores são os ciclistas que possuem aptidão para etapas montanhosas, não é necessário ter a mesma força dos *sprinters* porém exige uma grande resistência para subir as estradas montanhosas em alta velocidade.

¹⁷ Etapas de contrarrelógio são disputadas de forma individual onde ganha o ciclista que faz o trajeto em menor tempo.

para quem está assistindo a transmissão das corridas, seja na própria França ou ao redor do mundo, pois é uma forma de mostrar tudo o que o país tem a oferecer para turistas potenciais.

O término do *Tour de France* ocorre em Paris. Nessa etapa, os ciclistas percorrem lugares singulares da capital francesa, como os arredores do Museu do Louvre e do Arco do Triunfo, pedalando ao longo da avenida de *Champs-Élysées*. De acordo com Hamilton (2013, p. 86) “esta etapa comemorativa, considerada pelos entusiastas como emblemática, é caracterizada por um “acordo de cavalheiros” para não se disputar a colocação geral”¹⁸. É o momento de comemorar o final do *Tour de France* e também a última chance dos *sprinters* conquistarem a glória de serem considerados os mais rápidos, sendo essa a única disputa real que ocorre durante este dia.

4.1.1 Histórico de edições

O *Tour de France* teve início em 1903, seguindo ininterruptamente até sua realização em 1914, que se encerrou nove dias antes do começo da Primeira Guerra Mundial. O evento foi pausado durante os anos da guerra e retomado em 1919, momento em que a França ainda se encontrava em condições precárias e as estradas não estavam em um estado propício para uma corrida de bicicletas. Mesmo assim, o evento foi realizado e teve edições até o ano de 1939.

No ano de 1939, o *Tour de France* não contou com ciclistas italianos e alemães por conta da ameaça da Segunda Guerra Mundial. Com o início do conflito, em setembro de 1939, a competição foi pausada até ser retomada em 1947 – embora a Alemanha tenha feito tentativas de forçar a França a seguir realizando o *Tour de France* durante a guerra, como forma de mostrar que não estavam sofrendo sob o domínio alemão. Em 1947 a França estava pronta para realizar novamente o Tour, sendo também uma forma de recuperar o espírito de uma nação que havia sofrido muito (Lazell, 2006).

Desde então, o *Tour de France* foi realizado anualmente, sem interrupções, mesmo durante a pandemia de COVID-19, que impactou o evento nas edições de 2020, 2021 e 2022. Embora a pandemia tenha afetado o evento ao gerar um adiamento de dois meses em 2020 e obrigar os ciclistas a abandonarem a corrida por terem contraído a doença, o evento continuou

¹⁸ Tradução livre.

a ser realizado anualmente, seguindo um planejamento estabelecido sempre com dois anos de antecedência

Quadro 2 - Histórico de Edições

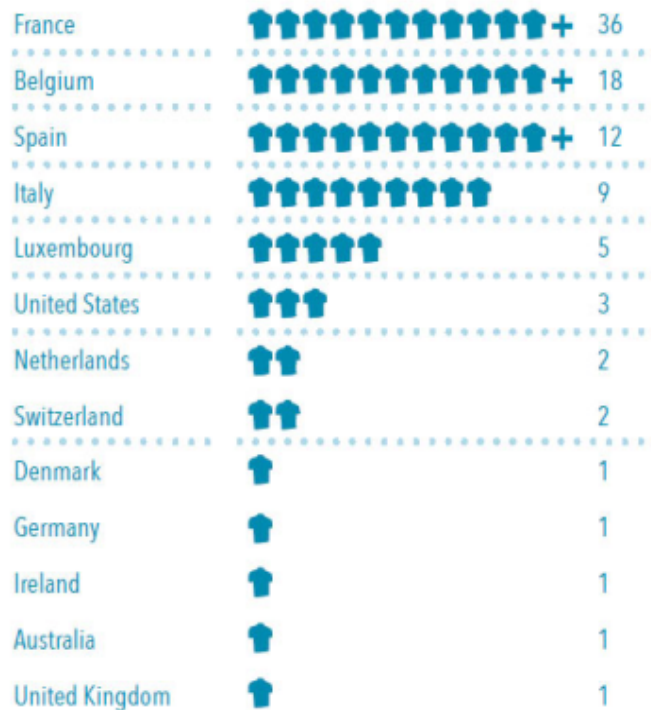
1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910
1911	1912	1913	1914	1919	1920	1921	1922
1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	1930
1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938
1939	1947	1948	1949	1950	1951	1952	1953
1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961
1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985
1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
2018	2019	2020	2021	2022	2023		

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

3.1.2 Vencedores

Dentre as 110 edições realizadas do evento, o *Tour de France* teve 64 vencedores diferentes. Deve-se ressaltar que, embora a competição seja em equipes, a classificação mais importante é a individual, e ela é calculada a partir do tempo que cada ciclista leva para concluir as etapas. Dos 64 vencedores do *Tour de France*, 22 deles venceram duas vezes ou mais, e, dentre esses, apenas 4 venceram 5 edições.

Embora o número de vencedores seja diverso, ao analisar a nacionalidade deles, observa-se que o número de países vencedores é reduzido a 15, sendo apenas 3 deles países não europeus: Estados Unidos, Austrália e Colômbia. Na figura abaixo (Figura 31) é possível ver a distribuição dos vencedores dividido por país até o ano de 2013.

Figura 31 - Histórico de Edições**Yellow Jersey Winners by Nation**

Fonte: Hamilton (2013)

Nota-se uma grande concentração de títulos para ciclistas franceses e belgas, naturais de países que se confundem com a própria origem do *Tour de France*. Como exemplo, a Itália teve seu primeiro vencedor em 1924, já a Espanha teve seu primeiro campeão apenas em 1959. Os dados apresentados mostram o poderio francês e belga na competição, como também expõe quão fechada para participantes de países não limítrofes em seus primórdios.

Porém, em contrapartida, o último título belga foi em 1976 e o último título francês apenas em 1985. Nos 38 anos seguintes à última vitória francesa, ciclistas de 11 países diferentes lograram o lugar mais alto do pódio. Comparando com o período anterior aos últimos 38 anos, ou seja, de 1903 até 1985, apenas 8 países tiveram ciclistas campeões.

Tais dados ressaltam o crescimento do ciclismo internacional nas últimas décadas. O que acaba sendo algo positivo para o *Tour de France*, pois com mais países dividindo o pódio, mais espaço para a visibilidade mundial e, conseqüentemente, para o aumento da atratividade da competição, seja por meio de reportagens e coberturas jornalísticas, e/ou pelo surgimento de novos ídolos. Como exemplo, é possível citar o ciclista estadunidense Lance Armstrong,

campeão de 7 edições consecutivas entre 1999 e 2005, o único a realizar tal feito. Porém, vale lembrar, ele perdeu todos seus títulos ao ser condenado por *doping* em 2012. Embora tenha protagonizado um escândalo, seu legado é inegável no ciclismo estadunidense e mundial.

Quadro 3 - Campeões divididos por país e ano

Campeão	País	Ano
Maurice Garin	França	1903
Henri Cornet	França	1904
Louis Trousselier	França	1905
René Pottier	França	1906
Lucien Mazan Dit Petit-Breton	França	1907
Lucien Mazan Dit Petit-Breton	França	1908
François Faber	Luxemburgo	1909
Octave Lapize	França	1910
Gustave Garrigou	França	1911
Odiel Defraeye	Bélgica	1912
Philippe Thys	Bélgica	1913
Philippe Thys	Bélgica	1914
Firmin Lambot	Bélgica	1919
Philippe Thys	Bélgica	1920
Léon Scieur	Bélgica	1921
Firmin Lambot	Bélgica	1922
Henri Pelissier	França	1923
Ottavio Bottecchia	Itália	1924
Ottavio Bottecchia	Itália	1925
Lucien Buysse	Bélgica	1926
Nicolas Frantz	Luxemburgo	1927
Nicolas Frantz	Luxemburgo	1928
Maurice de Waele	Bélgica	1929
André Leducq	França	1930
Antonin Magne	França	1931

André Leducq	França	1932
Georges Speicher	França	1933
Antonin Magne	França	1934
Romain Maes	Bélgica	1935
Sylvère Maes	Bélgica	1936
Roger Lapebie	França	1937
Gino Bartali	Itália	1938
Sylvère Maes	Bélgica	1939
Jean Robic	França	1947
Gino Bartali	Itália	1948
Fausto Coppi	Itália	1949
Ferdi Kubler	Suiça	1950
Hugo Koblet	Suiça	1951
Fausto Coppi	Itália	1952
Louison Bobet	França	1953
Louison Bobet	França	1954
Louison Bobet	França	1955
Roger Walkowiak	França	1956
Jacques Anquetil	França	1957
Charly Gaul	Luxemburgo	1958
Federico Bahamontes	Espanha	1959
Gastone Nencini	Itália	1960
Jacques Anquetil	França	1961
Jacques Anquetil	França	1962
Jacques Anquetil	França	1963
Jacques Anquetil	França	1964
Felice Gimondi	Itália	1965
Lucien Aimar	França	1966
Roger Pingeon	França	1967
Jan Janssen	Holanda	1968
Eddy Merckx	Bélgica	1969
Eddy Merckx	Bélgica	1970
Eddy Merckx	Bélgica	1971

Eddy Merckx	Bélgica	1972
Luis Oscaná	Espanha	1973
Eddy Merckx	Bélgica	1974
Bernard Thevenet	França	1975
Lucien Van Impe	Bélgica	1976
Bernard Thevenet	França	1977
Bernard Hinault	França	1978
Bernard Hinault	França	1979
Joop Zoetemelk	Holanda	1980
Bernard Hinault	França	1981
Bernard Hinault	França	1982
Laurent Fignon	França	1983
Laurent Fignon	França	1984
Bernard Hinault	França	1985
Greg Lemond	Estados Unidos	1986
Stephen Roche	Irlanda	1987
Pedro Delgado	Espanha	1988
Greg Lemond	Estados Unidos	1989
Greg Lemond	Estados Unidos	1990
Miguel Indurain	Espanha	1991
Miguel Indurain	Espanha	1992
Miguel Indurain	Espanha	1993
Miguel Indurain	Espanha	1994
Miguel Indurain	Espanha	1995
Bjarne Riis	Dinamarca	1996
Jan Ullrich	Alemanha	1997
Marco Pantani	Itália	1998
Lance Armstrong*	Estados Unidos	1999
Lance Armstrong*	Estados Unidos	2000
Lance Armstrong*	Estados Unidos	2001
Lance Armstrong*	Estados Unidos	2002
Lance Armstrong*	Estados Unidos	2003
Lance Armstrong*	Estados Unidos	2004

Lance Armstrong*	Estados Unidos	2005
Óscar Pereiro	Espanha	2006
Alberto Contador	Espanha	2007
Carlos Sastre	Espanha	2008
Alberto Contador	Espanha	2009
Andy Schleck	Luxemburgo	2010
Cadel Evans	Austrália	2011
Bradley Wiggins	Reino Unido	2012
Chris Froome	Reino Unido	2013
Vincenzo Nibali	Itália	2014
Chris Froome	Reino Unido	2015
Chris Froome	Reino Unido	2016
Chris Froome	Reino Unido	2017
Geraint Thomas	Reino Unido	2018
Egan Bernal	Colômbia	2019
Tadej Pogacar	Eslovênia	2020
Tadej Pogacar	Eslovênia	2021
Jonas Vingegaard	Dinamarca	2022
Jonas Vingegaard	Dinamarca	2023

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

4.1.3 Audiência

Conforme dito anteriormente, o *Tour de France* é um dos eventos esportivos mais assistidos do mundo. Esse fenômeno não ocorre por apenas um fator específico, é a junção de diversos aspectos de uma competição esportiva e inevitavelmente cultural que leva seus atletas ao limite extremo ao longo de toda a França.

A mistura de paisagens exuberantes e ciclistas descendo montanhas a quase 100 km/h, o uso de drones e helicópteros gravando todo o trajeto em alta qualidade, possibilitando o acompanhamento em tempo real para todos os espectadores e a presença de fãs em praticamente todas as partes do trajeto, são aspectos vão de encontro ao que Hamilton (2013, p. 107), diz sobre o evento: “o Tour de France é um dos maiores eventos esportivos para a mídia. Ele promete velocidade, entusiasmo, triunfo, tragédia e glamour, sem mencionar os escândalos de proporções de novela, tudo isso com os mais pitorescos planos de fundo”¹⁹.

Para se ter ideia do impacto midiático do *Tour de France*, com base em números compilados a partir das edições do século 21 (Figura 32), Hamilton (2013) afirma que o número de telespectadores do evento pode chegar a cinquenta milhões, e cumulativamente esse número chega a mais de três bilhões ao longo das três semanas. São 120 canais de TV fazendo a cobertura do evento para quase 190 países, ou seja, a cobertura atinge praticamente todos os países do mundo. Além disso, 60 canais de TV fazem a cobertura ao vivo.

¹⁹ Tradução livre.

Figura 32 - Números da cobertura midiática do Tour de France



Fonte: Hamilton (2013).

Já na internet, são seis milhões de *hits* no site do *Tour de France* ao longo das três semanas. Mark Cavendish, um dos *sprinters* mais famosos, possui mais de um milhão e trezentos mil seguidores em seu perfil no aplicativo X, enquanto o perfil oficial do Tour de France chega a quase três milhões e duzentos mil. Em relação a cobertura jornalística, foram 2500 credenciamentos de mídia e foram necessários 450 espaços providenciados, todos os dias, de salas de imprensa temporárias para jornalistas. Por fim, 72 estações de rádio transmitiram o Tour.

Além da cobertura midiática, o *Tour de France* também atrai cerca de 15 milhões de espectadores para diversas localidades que recebem cada etapa. Eles viajam, às vezes, grandes distâncias para acompanhar as provas *in loco* e vivenciar os breves segundos que um ciclista leva para passar pelo local.

A busca por um local privilegiado é ainda maior quando ocorrem as etapas de montanha (Figura 33). Muitos espectadores chegam dias antes com seus *trailers* e acampam no local para garantir a melhor visão. Outros, por sua vez, sobem a montanha de bicicleta para conseguir um lugar privilegiado.

Figura 33 - Fãs durante a escalada



Fonte: Charly Lopez (2022)

Nessa ocasião, é comum ter torcedores fantasiados, que acabam por viralizar, muitas vezes por estarem em todas as edições com a mesma fantasia, como o caso de Dieter ‘Didi’ Senft, conhecido como o diabo vermelho (Figura 34), por estar sempre com uma fantasia de diabo com um tridente vermelho. São personagens como esse que auxiliam na criação de uma cultura em torno da competição.

Figura 34 - Dieter ‘Didi’ Senft



Fonte: Canal da Bike (2019)

4.2 Análise

Ao longo de suas 110 edições, realizadas desde 1903, o *Tour de France* converteu-se no que é considerado, hoje, a competição esportiva anual mais assistida do mundo. Embora seu foco seja as disputas ciclísticas que ocorrem ao longo das etapas que a integram, o evento oferece muito mais do que ele se propôs inicialmente, isto é, uma atividade lúdica.

Como primeiro ponto a ser observado, o *Tour de France*, assim como outras competições de ciclismo de estrada, permite uma proximidade dos torcedores com os atletas que é raramente observada em outros esportes. Deve-se ressaltar que essa proximidade possibilita acontecimentos inesperados como o grande acidente ocorrido no primeiro estágio da edição de 2021, em que uma observadora causou um grande acidente ao segurar uma placa de papelão que atingiu os ciclistas (Figura 35).

Figura 35 - Espectadora causa grande acidente



Fonte: The Guardian (2021)

Além dos acontecimentos inesperados como o citado acima, o surgimento de figuras emblemáticas entre os torcedores é outro fator de destaque dentro do *Tour de France* – como é o caso de Didi, o diabo vermelho, visto neste mesmo capítulo (figura 34). Essa proximidade, que é resultado da dinâmica do evento, propicia a criação de uma cultura singular, inerente ao evento e isso é absorvido por quem o assiste, tornando possível a aplicabilidade do conceito de *soft power* (Nye,2005) que é evocado por meio da atratividade cultural que é própria do evento.

Entretanto, a existência de uma cultura singular não é o único fator que faz a competição se destacar em meio a tantas outras. A presença marcante das mais diversas paisagens francesas têm um impacto significativo para o sucesso do evento, pois o evento possui um percurso que contorna locais pitorescos e cidades populosas da França. Aliás, o *Tour de France* é uma ocasião bem aproveitada pelo governo francês para mostrar o que a França tem de melhor para os turistas que a visitam todos os anos e para os telespectadores que assistem o evento das suas casas, nos cinco continentes. Para se ter uma ideia do impacto do evento no turismo, Makkonen e Mitze (2023) informam que as etapas mais atrativas

chegam a causar um aumento de 10% do turismo internacional na cidade sede, gerando consequências positivas para toda a região.

Além do aumento do turismo internacional nas cidades que recebem as etapas, o fato de cinquenta milhões de pessoas estarem assistindo aos melhores ciclistas do mundo passarem pelas cidades francesas resulta no aumento do interesse desse enorme público pela França. Esse crescimento pode ser visto na ferramenta *Google Trends* pelo número de pesquisas relacionadas a Vulcania, local que recebeu a décima etapa do Tour de 2023. No dia 11 de julho, por exemplo, data da etapa na cidade, o interesse das pesquisas chegou a 100, número máximo da ferramenta, enquanto nos outros dias do mês as pesquisas computaram o dígito 6 como média.

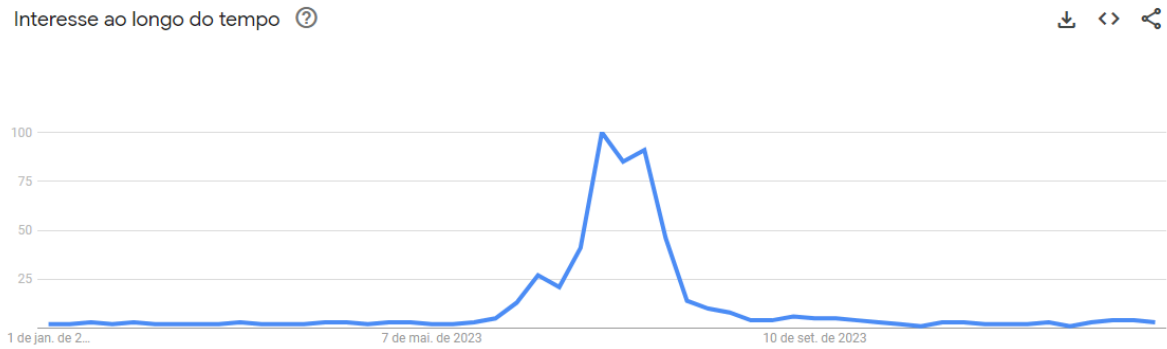
Gráfico 1 - Interesse ao longo do tempo relacionado a Vulcania



Fonte: Google Trends (2023)

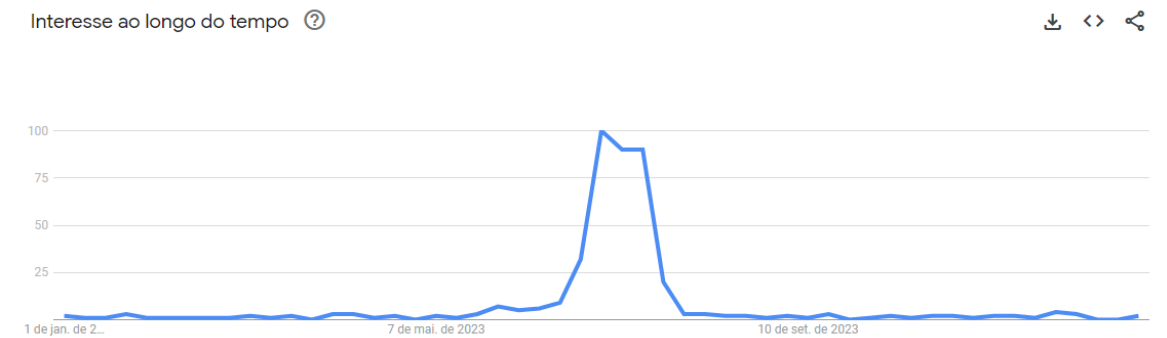
Buscando uma compreensão mais abrangente a respeito do *Tour de France* nas pesquisas realizadas na internet, é possível perceber, pelo *Google Trends*, que o comportamento dos consumidores na América do Norte e América do Sul é semelhante no que diz respeito ao interesse pela França ao longo de toda a duração do *Tour de France*, conforme pode ser visto nos gráficos 2, 3 e 4, referentes ao Brasil, Colômbia e Estados Unidos.

Gráfico 2 - Interesse ao longo do tempo no Brasil



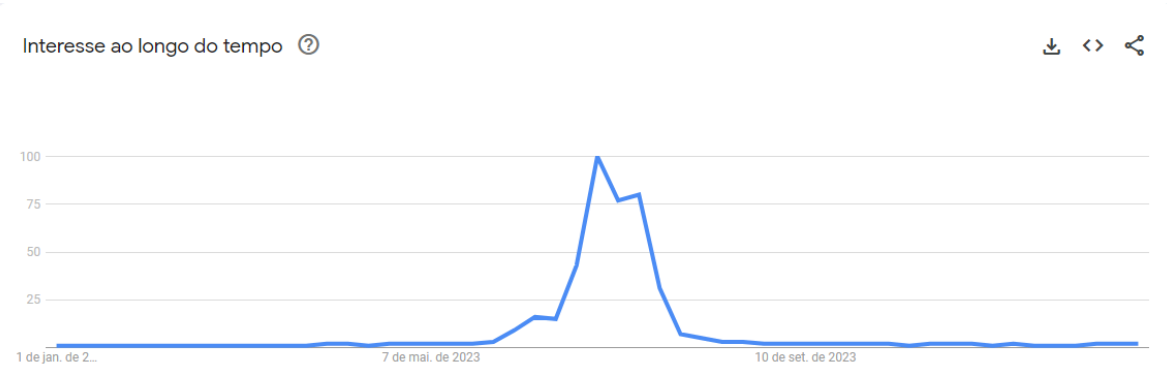
Fonte: Google Trends (2023)

Gráfico 3 - Interesse ao longo do tempo na Colômbia



Fonte: Google Trends (2023)

Gráfico 4 - Interesse ao longo do tempo nos Estados Unidos



Fonte: Google Trends (2023)

Esses gráficos mostram que o Tour de France exerce um fascínio em várias sociedades estrangeiras e corresponde a uma das características centrais do *soft power*, ou seja, a sua capacidade de atração (NYE, 2005).

Para além dessas características que são inerentes ao *Tour de France*, há outros meios que possibilitam o crescimento do evento entre seus fãs e potenciais públicos de interesse que convertem a França no centro das atenções quando falamos em ciclismo. Entre eles estão a série produzida pela Netflix, “Tour de France: No Coração do Pelotão” (Figura 36), lançada em 2023 e o evento *L'Étape*, organizado pelos mesmos responsáveis do *Tour de France*.

Figura 36 - *Tour de France: No Coração do Pelotão*



Fonte: Netflix (2024)

A série do *Tour de France* na Netflix é composta por 8 episódios e possibilita a imersão no que ocorre dentro do campeonato, adentrando em detalhes que não são vistos nas transmissões, como entrevistas com vários ciclistas e dirigentes de cada equipe, relatando questões pessoais e detalhes específicos das etapas. Essa imersão proporciona uma aproximação dos membros de cada equipe do *Tour de France* com aqueles que estão apenas assistindo através de uma tela e possibilita o surgimento de novos fãs por estar em uma das maiores plataformas de *streaming* do mundo.

A citada série proporcionou, segundo os ciclistas e os diretores de equipe que apareceram nela, um aumento exponencial de sua popularidade, como pode ser visto na reportagem da *Cycling Weekly* (2023). A possibilidade de ter o *Tour de France* divulgado na Netflix permitiu que o evento se tornasse ainda maior, aumentando sua zona de influência e

gerando uma imagem positiva do campeonato e consequentemente da França. Isso corrobora com o pensamento de Nye (2004), que considera os produtos oriundos da indústria cultural como um poderoso mecanismo para o reforço do *soft power* de um país.

Já o evento *L'Étape*, organizado pelos mesmos responsáveis pelo *Tour de France*, possibilita que fãs, ciclistas amadores e até profissionais tenham uma imersão na maior competição de ciclismo do mundo, mesmo estando em outros países. O evento possibilita que estrangeiros tenham a experiência de viver o *Tour de France* e estabeleçam uma conexão com o evento e consequentemente com a França. O evento tem 30 etapas espalhadas em diversos países do mundo, sendo 5 delas na Ásia, 13 na América, 11 na Europa e 1 etapa na África, mais especificamente no Egito, conforme pode ser visto no mapa abaixo (Figura 37).

Figura 37 - Países que recebem o L'Étape



Fonte: L'Étape by Tour de France (2024)

A partir de todas as peculiaridades e serviços citados anteriormente, observa-se que o *Tour de France* estabelece cada vez mais um alcance global e isso não se restringe a apenas uma característica específica. O *Tour de France* divulga o esporte, mas é também uma forma de entretenimento e de divulgação cultural. Todos esses aspectos são essenciais para que o *soft power* de um país possa ser fortalecido. O fato dele partir da iniciativa privada não o enfraquece, ao contrário, já que Ballerini (2017, p. 200) afirma que o poder suave parece ser mais eficiente e próspero quando nasce e permanece livre na iniciativa privada e individual dentro de um sistema de trocas econômicas.

Portanto, embora o *Tour de France* não seja criação do Governo Francês, ele atua de forma direta para a divulgação e promoção do que a França tem para oferecer em suas diversas regiões, sendo um atrativo turístico e econômico, ao movimentar a economia de diversas cidades para receber cidadãos franceses e estrangeiros, que viajam para a França com o intuito de acompanhar as etapas – como também, motivados pelo evento, viajam para a França em outros momentos do ano para conhecer o que foi visto ao longo das transmissões da competição. O *Tour de France* converteu-se em um ativo tão grande que o fato de outros países vizinhos se oferecerem para sediar etapas, mostra o quão valioso é ser parte da competição em termos de ganho de visibilidade.

Um dado significativo a ser abordado é o impacto do *Tour de France* em países da América, mais especificamente nos Estados Unidos, Colômbia e Brasil. O primeiro ponto a ser observado é que os três países possuem proximidade com o evento, pois os dois primeiros possuem campeões da competição – Lance Armstrong e Egan Bernal respectivamente – e o Brasil por já ter tido um ciclista campeão de uma etapa, Mauro Ribeiro. Além disso, os três países recebem competições do *L'Étape*, possibilitando uma proximidade maior do público com o evento.

No Brasil, a transmissão do *Tour de France* é bem estabelecida e proporciona momentos de descontração e de conhecimento, o que facilita a conexão dos brasileiros com a competição. No caso de Estados Unidos e Colômbia, a conexão é ainda maior, pois os países já viram seus competidores vencendo a competição. Esse fato torna o *Tour de France* um evento poderoso em termos de veiculação de valores franceses nesse país, o que automaticamente o converte em instrumento de *soft power* francês entre as referidas populações.

No caso do continente africano – que, como visto no capítulo anterior, sofreu durante séculos com o empreendimento colonial francês –, há um longo histórico de ciclistas africanos participando do *Tour*, mas em termos quantitativos a presença ainda é baixa se comparada a outros países. Ademais, em sua maioria, a presença de africanos datam do período de 1947 até 1955, uma época em que as equipes do *Tour de France* eram equipes regionais, ou seja, equipes que representavam países ou regiões específicas, como o norte da África. O primeiro africano vencedor de uma etapa foi o argelino Marcel Molinès, em 1950, período em que a Argélia ainda era colônia francesa. Após a vitória de Marcel, poucos conquistaram vitórias em etapas.

Apesar da tímida participação de africanos no evento, a organização do *Tour de France* realiza uma corrida do *L'Étape* em território africano, mais precisamente no Egito, – sendo essa, a única etapa do evento no continente – além disso, o *Tour de France* é transmitido para países africanos. Isso indica que, mesmo de forma tímida, ele funciona como um instrumento de *soft power*, já que o evento veicula uma imagem mais amistosa da França, com o potencial de amenizar a história de conflitos que permeia as relações entre os europeus e os africanos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que foi definido o tema do trabalho, percebeu-se que trabalhar o *Tour de France* como um instrumento de *soft power* seria desafiador pelo fato de, durante a pesquisa, não encontrar nenhum trabalho que abordasse essa relação na academia brasileira. Além desse fato, notou-se a presença de pouca bibliografia referente ao *Tour de France* em língua portuguesa, tornando necessária a busca por fontes em língua inglesa.

Este trabalho teve como objetivo principal apontar indícios de que o *Tour de France* apresenta características que o converte em instrumento de *soft power* da França no âmbito do esporte.

O primeiro passo para a construção do trabalho foi o estabelecimento da base teórica, o que permitiu uma análise posterior do objeto. Neste primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o intuito de definir a área de atuação das relações públicas internacionais e o significado do conceito de *soft power*. Por fim, dissertou-se sobre alguns exemplos de modalidades esportivas que foram utilizadas como instrumento de *soft power* de países em vários momentos da história.

Após a conceituação teórica, realizamos a conceituação histórica, buscando resgatar as diversas faces da França desde o final do século XVIII até os dias atuais, com o objetivo de expor seus pontos positivos e negativos e como eles impactaram a imagem do país no sistema internacional. Para isso, foi imprescindível a retomada de temas como a Revolução Francesa e a colonização francesa na África, assuntos que ainda reverberam na atualidade.

É a partir do conhecimento suscitado nos dois primeiros capítulos que a análise do objeto se tornou possível, permitindo identificar as características que convertem o *Tour de France* em instrumento de *soft power*. Para isso, fez-se necessário entender as minúcias da competição que o transformam em um dos eventos esportivos mais assistidos do mundo.

Ao longo da pesquisa, ficou claro que o *Tour de France* possui características importantes para a sua definição como instrumento de *soft power* para a França. Para além de um evento esportivo, ele é também um evento cultural e de entretenimento, qualidades que permitem que ele tenha um impacto positivo na veiculação da imagem do país, constatado pelo aumento de pesquisas a respeito de localidades da França e pelo aumento do número de turistas durante as etapas. Outro ponto importante, é que o *Tour de France* carrega o país em

seu nome, tornando impossível desvincularem-se devido a tal relação. Ou seja, o evento é concebido como uma propaganda para a França em toda sua extensão.

Embora o *Tour de France* seja um instrumento de *soft power*, observa-se que ele poderia ser mais direcionado para os países africanos. A baixa presença de ciclistas da África, em conjunto com a não realização de eventos no continente, mostra que o evento poderia se expandir no continente, sobretudo na África francófona, em locais em que há ressentimentos à França por conta de seu passado colonial.

Porém, isso não exclui o potencial que o *Tour de France* possui de transformar a França no país do ciclismo, assim como o Brasil é conhecido como o país do futebol. O fato de concentrarem os melhores ciclistas do mundo durante o campeonato que já é considerado o mais importante no mundo do ciclismo são fatores cruciais para que o país seja visto no estrangeiro como o local mais importante da modalidade. A França é o centro do ciclismo do mundo, e conforme vimos, isso pode ser traduzido em mais benefícios para ela.

Por fim, esperamos que com este trabalho, o ciclismo e especialmente o *Tour de France* possam despertar o interesse dos estudantes, profissionais e acadêmicos de Relações Públicas, sobretudo naqueles que se ocupam a estudar o efeito de produtos culturais na veiculação da imagem internacional dos países.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de A, e PILETTI, Nelson. **Toda a História. História Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.
- BALLERINI, Frantjesco. **Poder Suave (Soft Power)**. São Paulo: Summus, 2017.
- BARBANTI, V. **O QUE É ESPORTE?**. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2012. DOI: 10.12820/rbafs.v.11n1p54-58. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833>. Acesso em: 15 out. 2023.
- BUCHHOLZ, Katharina. **Which U.S. Sports Do Other Countries Follow?**. Statista, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/26132/us-sports-followers-in-other-countries/>. Acesso em: 25 out. 2023.
- BURKE, E. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução de José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.
- BURNS, Edward M. **A monarquia absoluta na França**. In: BURNS, Edward M. *História da Civilização Ocidental* (cap. 19). Porto Alegre: Globo, 1972.
- BURTON, C. **Super Bowl, Copa do Mundo ou Liga dos Campeões - qual evento tem maior audiência no planeta?** Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/super-bowl-copa-do-mundo-ou-liga-dos-campeoes-qual-evento-tem-maior-audiencia-no-planeta/blte4afd89eb81e1148>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CARROLL, Rory. **NBA viewership jumps in Brazil, Australia and the Philippines**. Reuters, [S. l.], p. 1, 4 fev. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-basketball-nba-viewership-idCAKBN2K91VP>. Acesso em: 25 out. 2023.
- COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu A. **História Geral e do Brasil: da pré-história ao século XXI**. São Paulo: Scipione, 2008.

CYCLING WEEKLY. **'Fan photos have quadrupled' - has Netflix's Tour de France Unchained made riders more popular?**. Disponível em: <<https://www.cyclingweekly.com/news/fan-photos-have-quadrupled-has-netflixs-tour-de-france-unchained-made-riders-more-popular>> .Acesso em: 06 jan. 2024.

DANTAS, Guibson. **Soft Power: tipologia de poder e Relações Públicas Internacionais**. In: 20º Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 2023.

DANTAS, Guibson. **Relações Públicas Internacionais: quatro passos para uma reorientação da subárea**. In: 23º Congresso de Ciências da Comunicação na região Centro-Oeste, 05.,2023, Campo Grande. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

DANTAS, Guibson. **T.CH.AO: uma proposta de desenho metodológico para Trabalhos de Conclusão de Curso no âmbito das Relações Públicas Internacionais**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 06. ,2023, Boa Vista. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

DOSSE, François. **A saga dos intelectuais franceses 1944-1989 Volume I: À prova da história (1944-1968): Volume 1**. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

FERRARI, Maria Aparecida. **“A prática das Relações Públicas internacionais na sociedade contemporânea”**. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, vol. 12, no 12, 2008, p. 15–29. www.metodista.br, <https://doi.org/10.15603/2176-0934/aum.v12n12p15-29>.

FERRO, Marc. **História das Colonizações: das Conquistas às Independências (século XIII a XX)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GASTALDO, E. Futebol e Memória. In: MARQUES, J. C.; GOULART, J. O. (Orgs). **Futebol, Comunicação e Cultura**. São Paulo: INTERCOM, 2012.

GE GLOBO. **NBA 2022/23 terá 120 estrangeiros de 40 países; Canadá lidera lista**. Rio de Janeiro, 18 out. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/basquete/nba/noticia/2022/10/18/nba-202223-tera-120-estrangeiros-de-40-paises-canada-lidera-lista.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2024.

Grandes Personagens da História Universal. Vol. IV. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

GRUNIG, James. E.; HUNT, Todd. **Managing public relations.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1984.

HAMILTON, Ray. **Le Tour de France: The Greatest Race in Cycling History.** Chichester: Summersdale, 2013.

HOBBSAWM, E. **A era dos impérios, 1875-1914.** Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções : Europa 1789-1848.** São Paulo: Paz E Terra, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções. Europa 1789-1848.** Tradução de Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: O jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

KELLY, R. **Futebol voltando para casa? Como o esporte foi criado na Inglaterra?.** [S. l.], 9 jul. 2021. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/futebol-voltando-para-casa-como-o-esporte-foi-criado-na-inglaterra/i09trbjxhbmpl8gz9dqa5ueu>. Acesso em: 25 out. 2023.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra.** Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.

KLUSEN, K. **Deezer data shows major impact of the Super Bowl halftime show on streaming numbers.** Disponível em: <<https://newsroom-deezer.com/2023/02/deezer-data-shows-major-impact-of-the-super-bowl-halftime-show-on-streaming-numbers/#:~:text=The%20Super%20Bowl%20performance%20also>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

LAZELL, Marguerite. **Tour de France: The Complete History of the World's Greatest Cycle Race.** [S. l.]: Carlton Books, 2006.

LEFEBVRE, Georges. **A Revolução Francesa**. Tradução de Ely Bloem de Melo Pati. São Paulo: IBRASA, 1966.

LEITE, Milton. **As melhores seleções brasileiras de todos os tempos**. São Paulo: Contexto, 2010.

LETOUR. **History - All Rankings, Starters, Stages, Jersey Wearers, Stage Winner on the Tour de France**. <https://www.letour.fr/en/history>. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

LETOUR. **Official Route of Tour de France 2024**. <https://www.letour.fr/en/overall-route>. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

MABEKO-TALI, J.-M. Considerações sobre o despotismo colonial, e a gestão centralizada da violência no Império colonial francês. **Varia Historia**, v. 29, n. 51, p. 745–770, dez. 2013.

Makkonen, Teemu, e Timo Mitze. **Vive Le Tour!?! Estimating the Place-based Benefits of Hosting the Tour de France**. *Journal of Regional Science*, vol. 63, nº 5, novembro de 2023, p. 1131–61. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1111/jors.12658>.

MARCA. **Rihanna halftime show performance draws more viewers than Super Bowl LVII**. Disponível em: < <https://www.marca.com/en/nfl/super-bowl/2023/02/14/63eb00c8e2704ec6388b45e5.html>>.

MARCONDES, Nathaly; MARQUES, José. **O Futebol Brasileiro e o “Futebol Arte”:: uma análise foucaultiana a respeito da ordem destes discursos na mídia e na academia**. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0489-1.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

MARIANO, Aline Barbosa. Conferência de Berlim e o mito da partilha da África. **Ciência Hoje**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/conferencia-de-berlim-e-o-mito-da-partilha-da-africa/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

MCMAHON, Robert L. **Guerra Fria: uma breve introdução**. Porto Alegre: L&PM, 2023.

MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. **Futebol, nação e representações:: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional**. História

Unisinos, 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2015.193.01/5359>. Acesso em: 25 out. 2023.

NYE, Joseph S. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2005.

OVERY, Richard. **A história da guerra em 100 batalhas**. São Paulo: PubliFolha, 2015

POLI, Raffaele; RAVENEL, Loic; BESSON, Roger. **Global study of football expatriates (2017-2023)**. CIES: Observatório de Futebol do Centro Internacional de Estudos de Esporte, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://football-observatory.com/MonthlyReport85>. Acesso em: 25 out. 2023.

Prime Video: Holy Tour. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/A-Grande-Missa/0QOLXIA3ENVPQ46U4K0H9T6LEM>. Acesso em: 13 jan. 2024.

RICHTER, Felix. **Which Sports Do Americans Follow?**. Statista, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/28107/sports-followed-by-americans/>. Acesso em: 25 out. 2023.

SAMPAIO, T. H. **ARGÉLIA E A QUESTÃO COLONIAL: interpretações sobre o colonialismo**. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, v. 37, n. 1, 2 jan. 2019.

SILVA, Vagner. **“Uma perspectiva internacional para as Relações Públicas”**. Intercom, 2005.

SPONSORLINK. **Futebol Americano tem mais de 15 milhões de fãs no Brasil, aponta o IBOPE Repucom**. Ibope: Repucom, [s. l.], p. 1, 2017. Disponível em: <https://www.iboperepucom.com/br/releases/futebol-americano-tem-mais-de-15-milhoes-de-fas-no-brasil-aponta-ibope-repucom/>. Acesso em: 25 out. 2023.

SPONSORLINK. **NFL: temporada 2022/23 inicia em alta com recorde de fãs de Futebol Americano no Brasil**. Ibope: Repucom, [s. l.], p. 1, 2022. Disponível em:

<https://www.iboperepucom.com/br/noticias/nfl-temporada-2022-23-inicia-em-alta-com-record-e-de-fas/>. Acesso em: 25 out. 2023.

TORTELLA, T. **Número de fãs da NFL no Brasil cresce a cada ano**; Super Bowl será neste domingo. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/numero-de-fas-da-nfl-no-brasil-cresce-a-cada-ano-super-bowl-sera-neste-domingo/>>. Acesso em: 28 out. 2023.

UZOIGWE, Godfrey. **Partilha europeia e conquista da África**: apanhado geral. In: BOAHEN, Albert. História geral da Africa, VII: Africa sob dominação colonial, 1880-1935 2.ed. Brasília, DF: UNESCO, 2010, p. 21 - 50.

YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Unesp, 2010.

YAZBEK, Mustafa. **Argélia: a guerra e a independência**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZARUM, Dave. **NBA 75: The Definitive History**. Ontário: Firefly Books, 2020.